



Universidade de Brasília
Licenciatura em Artes Cênicas

KARINE ARAÚJO DOS SANTOS

**AS ARTES CÊNICAS COMO POTENCIALIZADORA DE EMPODERAMENTO
NEGRO NO ENSINO BÁSICO:
UMA PERSPECTIVA ÉTNICO-RACIAL**

Brasília-DF

2023

KARINE ARAÚJO DOS SANTOS

**AS ARTES CÊNICAS COMO POTENCIALIZADORA DE EMPODERAMENTO
NEGRO NO ENSINO BÁSICO:
UMA PERSPECTIVA ÉTNICO-RACIAL**

Monografia apresentada ao Curso de Artes
Cênicas do campus Brasília da Universidade de
Brasília como requisito parcial para obtenção de
título de Licenciada em Artes Cênicas.

Orientador(a): Dr. Jonas de Lima Sales

Brasília-DF

2023

Dedicatória

Rosangela Sousa Araújo,
Florisvaldo dos Santos Silva ,
Kaylana Araújo dos Santos,
Kaïke Araújo dos Santos,
Wesley Durans,

A todos meus ancestrais que resistiram para que eu pudesse
estar aqui hoje.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente, aos meus pais, que mesmo com outras demandas financeiras, priorizaram investir financeiramente em mim, nos meus estudos, em atividades extracurriculares e na minha saúde psicológica.

Agradeço, a minha primeira diretora, Naiara Lira, que acreditou no meu potencial como atriz, no início do curso, e foi fonte das minhas primeiras aprendizagens de teatro negro.

Agradeço ao Jonas Sales, meu primeiro professor de práticas afro-brasileiras na Academia, que debochadamente, me possibilitou diversas risadas e histórias, que guardo até hoje no meu coração, das aulas de Movimento e linguagem 1. Além de me fornecer minhas primeiras bases ABNT e estar sempre fomentando atividades de visibilidade negra no departamento.

Agradeço a professora Débora Dod, de Movimento e linguagem 4, que me motivou, inspirou e me auxiliou em um trabalho solo, que tive a grande experiência de levar para o Rio de Janeiro e apresentar na Universi-encontro de dança, festival de dança acadêmica da UFRJ.

Agradeço a professora Fabiana Lazzari, uma ótima referência de docência no ensino básico pra mim, uma docente além de muito esforçada e com diversas demandas, sempre muito empática, cuidadosa, e disciplinada, a admiro muito.

Agradeço ao coreógrafo, diretor, produtor, dançarino, Wally Fernandes, que me fortaleceu energeticamente e expressivamente na dança, além de ser uma das minhas grandes referências negras na dança nacionalmente.

Agradeço ao meu amigo, Kaled Hassan, um grande arte-educador, formado pelo instituto federal de Brasília, Kaled tem uma pesquisa voltada para aplicação de danças afros no ensino básico, na qual é uma grande referência metodológica para o meu trabalho, além de ser uma grande inspiração de conhecimentos e aprendizagens.

Agradeço a Cultura ballroom, que me possibilitou, através da sua existência, uma conexão com a casa de Onija, hoje, uma grande casa disseminadoras de conhecimentos de povos originários brasileiros através da dança, agradeço o acolhimento!

E por último, agradeço também, a todos os meus amigos que participaram dessa minha jornada e que me acrescentaram afetivamente, emocionalmente, construtivamente, originalmente, e que ainda me apoiam até hoje, Pedro Ivo, Naara Melo, Wesley Durans,

Milena Andrade, Edmar Júnior, Isadora Freitas, Beatriz Motta, Vivian, entre outros, que não cabem nessa folha, mas que me deixam a imensa gratidão pelo atravessamento.

RESUMO

A fé cênica é movedora de montanhas, e para além do teatro, é fermentadora de sonhos no plano real, e é com essa perspectiva, utópica, que inicio esta escrita. As Artes Cênicas Como Potencializadora de Empoderamento Negro é um projeto político pedagógico de inserção de metodologias que incentivam o autoconhecimento, expressão, resistência, emancipação, educação, de corpos negros, através das artes. Além disso, é um estudo que fornece uma conscientização pedagógica docente diante desses corpos. Nesse sentido, trago como auxílio os apontamentos étnicos raciais, de situações que vi e vivi na minha docência, e que são preenchidas das questões de gênero, raça e classe.

Palavras-chaves: Empoderamento Negro, Metodologias, Decolonizar, Docentes.

ABSTRACT

Scenic faith is a mover of mountains, and beyond theater, it is a fermenter of dreams on a real level, and it is with this utopian perspective that I begin this writing. The Performing Arts as a Potentializer of Empowerment is a political and pedagogical project to insert methodologies that encourage self-knowledge, expression, resistance, emancipation, education, of black bodies, through the arts. Furthermore, it is a study that provides teachers with pedagogical awareness regarding these bodies. In this sense, I bring as assistance ethnic and racial notes, from situations that I saw and experienced in my teaching and that are filled with issues of gender, race and class.

Keywords: Black Empowerment, Methodologies, Decolonize, Teachers.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Plano de Aula Escola Parque.....	14
Figura 2 - Plano de Aula centenário Ruth de Souza.....	15
CAPÍTULO 1.....	16
Figura 3 - personagem da série Atlanta.....	21
Figura 4 - Personagem da Série Atlanta, Antoine Small.....	22
Figura 5 - Escola Parque Anísio Teixeira.....	37
Figura 6 - Sala de Teatro da Escola.....	37
Figura - 7 Turma referente o ocorrido.....	39
Figura 8 - Apresentação da Peça “Emoções”.....	44
Figura 9- Roda reflexiva após espetáculo.....	45
Figura 10 - Aula de corpo e movimento.....	48
Figura 11 - Aula de corpo e movimento.....	48
Figura 12 - Mulheres Domésticas do Curso.....	49
Figura 13 - Mulheres produtora do Projeto.....	50
Figura 14 - Aquecimento/alongamento.....	53
Figura 15 - Dançando funk.....	56
Figura 16 - Roda de Reflexão.....	58
Figura 17 - Roda de Reflexão.....	58
Figura 18 - Metodologia Isabel A. Marques.....	64
Figura 19 - Eixos Norteadores.....	65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1.....	16
Os Respingos do Colonialismo na Negritude Contemporânea.....	16
1.1 Negros a Margem e na Criminalidade.....	17
1.2 As Significações do Corpo Negro.....	19
1.3 O Colonialismo e a Solidão do Homem Negro.....	23
1.4 Afetividades Negras.....	28
1.5 Mulheres negras X Raça, Gênero e Classe.....	30
CAPÍTULO 2.....	35
Evidenciando Questões Étnicas-Raciais da Negritude na Prática Docente.....	35
2.1 Isaac.....	38
2.2 Duda.....	39
2.3 Paula.....	45
2.4 Centenário Ruth de Souza.....	48
2.5 Sistema Como Limitador de Sonhos de Mulheres Negras.....	50
2.6 As Mulheres Negras e o Autocuidado.....	51
2.7 Auto-julgamentos e Sexualização de Mulheres Negras.....	53
2.8 A Necessidade de Uma Escuta Sensível.....	56
CAPÍTULO 3.....	59
Metodologias Cênicas e Decoloniais de Empoderamento Negro.....	59
3.1 Augusto Boal com a série de estudos do Teatro do Oprimido.....	59
3.2 Kaled Hassan, Danças Motrizes.....	61
3.3 Isabel A. Marques, Texto, Contexto e Subtexto.....	63
3.4 Jonas Sales, Corpo-Negritude.....	64
Considerações Finais.....	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	68

INTRODUÇÃO

Partindo da análise de exercícios praticados em sala de aula, opto por trazer uma proposta de empoderamento social através da análise étnico-racial de corpos negros durante as experiências de aprendizagens no exercício de jogos teatrais. O curso de Licenciatura em Artes Cênicas, da Universidade de Brasília, propõe uma docência voltada para as salas de aula, tanto em âmbito formal, quanto informal, visto que, esta se estende a espaços alternativos que também promovem a aprendizagem. Os aspectos socioculturais e raciais observados partem de aulas de interpretação e movimento ministrada por mim, Karine Araújo. O primeiro lugar trata-se de uma instituição de ensino formal que durante meus estudos na disciplina de Estágio em Artes Cênicas da Universidade de Brasília, ministrado pela professora, Fabiana Lazzari, tive o prazer de fazer a minha regência na Escola Parque Anísio Teixeira, instituição esta, pública.

O segundo lugar, trata-se de um local de ensino informal que fui convidada pela produtora cultural, Naiara Lira, fundadora do projeto Centenário Ruth de Souza, financiado pelo FAC (Fundo de Apoio a Cultura do DF), em homenagem a primeira atriz negra a conquistar projeção cinematográfica, trabalho este, voltado para o público de mulheres doméstica com a faixa etária que varia de 30 a 50 anos, totalizando um público de, em média, 20 mulheres.

Dou continuidade a esta introdução com um relato pessoal. Me chamo Karine Araújo, e meus pais são Rosângela Souza Araújo e Florisvaldo dos Santos Silva, somos uma família de pretos retintos. Meus pais saíram de Salvador-Ba, onde reside a maior população de negros no Brasil, e se instalaram em Brasília-DF, cidade esta planejada e miscigenadas por diversos trabalhadores que saíram da sua cidade local para construí-la. Cresci em Brasília, na Região Administrativa, Candanga, estudei em colégio particular, Salesiano, tive alguns privilégios que são distantes da realidade de pessoas negras no Brasil. No entanto, quando mais nova, comecei a desenvolver uma timidez desmedida, desânimo, insegurança, medo, insatisfação com minha pele e cabelos, e não gostava mais de frequentar a escola. Por conseguinte, minha mãe descobriu que eu estava sendo alvo de racismo na instituição, e que esses eram os motivos dos comportamentos antissociais. Logo, ela procurou ajuda terapêutica, a terapeuta mencionou a importância de praticar atividades

extracurriculares que desenvolvessem a autonomia, expressividade e ampliasse o ciclo social. Rosângela, minha mãe, me colocou em três práticas desportivas: jazz, natação e judô, práticas que foram imprescindíveis para formar o ser humano que sou hoje em dia. Reconheço a importância principalmente da dança na minha infância, foi essencial para que eu conseguisse me expressar. O movimento foi capaz de desenvolver, em mim, ações que me estimularam a ter mais autonomia sobre o meu corpo, ao buscar espaços em que eu pudesse estar dançando, interpretando e me expressando. Isto possibilitou que eu chegasse ao teatro e através da criticidade, conscientizasse as minhas falas e ações, foi nesse momento que entendi a relação sociocultural, ancestral, colonial e de como ambos tinham consequências diretas sobre meu corpo e quem sou. Neste âmbito, Siqueira (2022, p.46) cita Krishnamurti (s.d. p. 28), a confusão existente no mundo surgiu porque o indivíduo não foi educado para compreender a si próprio.

“Se queremos transformar radicalmente nossas atuais relações humanas, causadoras de inenarráveis sofrimentos para o mundo, nossa única e imediata tarefa é a de transformar-nos pelo autoconhecimento” (SIQUEIRA, 2022, p.46 apud KRISHNAMURTI, s.d. p. 82).”

Apesar de ter colhido bons “frutos” da minha reintegração social, meu autoconhecimento não foi o suficiente, e nem deve ser, para reeducar uma sociedade estruturalmente racista e que ainda sofre com as consequências do colonialismo. Nesse meu processo de empoderamento social, posteriormente, vieram à tona outros conflitos que estavam distantes do meu controle. Conflitos estes, causados por docentes, coreógrafos e diretores que, na época, não buscaram nenhum cuidado sensível e de aparamento social com o corpo preto que estava ali presente, nesse caso, o meu, o que ocasionou em traumas, gatilhos e ansiedades. Nesse sentido, através desta pesquisa gostaria de promover um empoderamento social de corpos negros ao debater questões étnico raciais em processo de aprendizagens para cena, e a necessidade de uma metodologia descolonizada, afro-brasileira e crítica, para que futuros dramaturgos, docentes, coreógrafos e pesquisadores possuam o conhecimento de que a nossa dança, negra, além de uma dimensão estética e contemporânea possui um histórico ancestral, colonial, que resiste até os dias de hoje.

Este trabalho tem como objetivo estimular o Empoderamento negro, promover um olhar docente ampliado diante das questões étnicas raciais da negritude e a inserção de uma metodologia decolonial cênica nos locais de aprendizagens.

Ao propor empoderamento negro em sala de aula, não poderia deixar de mencionar bases teóricas nacionais. Nesse sentido, divido a minha fundamentação teórica em dois planos de estudos: sócio-cultural e metodológico. O embasamento sócio-cultural é voltado para um estudo de cor, etnia, classe-social e cultura. Isildinha Baptista Nogueira (2021, p.17) primeira psicanalista negra, autora de *A cor do Inconsciente*, propõe um estudo de significações do corpo negro a partir de uma produção textual que debate a respeito da ausência ou presença de cor no inconsciente. Durante este percurso a autora comprova que o inconsciente é carregado de marcas mnêmicas, marcas da primeira infância, ao citar o Freud (1899) e o livro *Interpretação dos Sonhos (Psicologia dos Processos Oníricos)*. No caso dos negros, essas marcas mnêmicas, é de um histórico de escravidão, abandono, maus-tratos e assassinatos. Nóbrega (2006) diz que “a corporeidade é um discurso sobre a forma do corpo humano e a inseparabilidade de processos mentais e corporais”. É inegável o quanto a mente é indissociável do corpo e capacidades que os processos psicológicos têm em se estender ao físico logo, Jonas Sales, professor da Universidade de Brasília, propõe a corporeidades como estudos dos saberes do corpo que se estende ao campo social, psicológico, geográfico, histórico, cultural e afirma:

“Assim, o corpo significa o seu meio, o seu ambiente, as relações dos sujeitos consigo e com outros corpos. Ao explorar a percepção corporal no ato de dançar, o sujeito envolvido nesse ato de movimento não executa apenas uma técnica corpórea, mas transforma em códigos, em reflexos de um mundo em que vive esse corpo. O corpo é natureza e cultura. O corpo transforma o físico e transcende a experiência com o mundo.”

(SALES, p.04, 2022)

As questões de gêneros promovem um debate enriquecedor nas aprendizagens quando relacionado com a raça. Ao me deparar com a coincidência de ter apenas mulheres domésticas negras em minha sala de aula durante o Centenário Ruth de Souza foi inevitável não buscar mais informações sobre este “Recorte” social, logo me deparei com o livro *Mulheres Negras e Marxismo de: Letícia Parks, Odete Assis e Carolina Cacao*, autoras, sociólogas, e antropólogas que buscam mostrar através dos seus textos os dramas da grande

classe trabalhadora, mulheres negras, que estão sempre à frente das lutas de classes além de executar a sua função de mãe, esposa e proletária. Com o objetivo de promover a acessibilidade, conhecimento e emancipação, o livro, *Estéticas Dissidentes e Educação*, organizado por: Mário de Faria, Daniela Nery e André Luiz dos S. é composto por uma riqueza metodológica indescritível, o material traz um processo de aprendizagem artística voltado para corpos subalternos, desde uma percepção estética ao contexto sociocultural, é um compilado de pesquisa de doutores, pesquisadores e professores nas diferentes áreas das linguagens artísticas. Outro documento, que tem origem Acadêmica e fundamentalidade cênico decolonial é o livro, *Artes Cênicas e Colonialidade, Conceitos, Fundamentos, Pedagogia e Práticas*, organizado por Érico José de Souza Oliveira (2022) e que possui um conteúdo recheado de embasamentos teóricos de arte-educadores que não só veem arte como potencializadora de um corpo estético, mas com a função social de descolonizar.

As referências metodológicas partem de um agrupamento de estudos teórico-prático pedagógicos para sala de aula. Destaco primeiramente Augusto Boal (1975), com a obra *Jogos Para Atores e Não Atores*. Os jogos remete ao teatro do oprimido, no qual, acredito que seja uma forma lúdica de promover debates de relação oprimido e opressor, e evidenciar a existência de um mundo que funciona a favor do capital em consequência das mazelas brasileiras, pobreza, intolerância, machismo, racismo, homofobia, transfobia, xenofobia, gordofobia. Ao propor um estudo da relação oprimido e opressor não poderia desconsiderar uma metodologia que argumente o contexto social, diante disso, trouxe Isabel A. Marques (2003) a autora de *Dançando nas escolas*, no qual a abordagem se baseia em Texto, Contexto e Subtexto. Evidencia a relação sócio-cultural, estética do movimento e o que vai ser expressado simbolicamente. O debate do contexto sociocultural deve fazer com que a realidade do aluno não esteja tão distante da escola através de recursos didáticos em que eles possam se espelhar e motivar. Por isso, a importância de abordagens metodológicas que levem a cultura afro-brasileira para dentro das escolas como o samba, capoeira, maracatu, axé e funk. Nesse sentido, destaco duas obras referenciais, *A Corpo-negritude no Espaço Escolar - Um Processo Cênico Pedagógico*, e *Corporeidades Negras em Cena – Um Processo Cênico-Pedagógico em Diálogos Com Tradição e a Contemporaneidade*, ambas escritas e documentadas pelo mestre, ator e dramaturgo, Jonas Sales (2015). Um arte educador que preenche a linha de pesquisa em corporeidades negras na contemporaneidade é o Kaled Hassan (2018) que pensa e constrói uma abordagem metodológica em dança descentralizada

com a monografia, A Experiência de Pesquisas e Inserção de Danças de Motrizes Negras na Escola.

A monografia está dividida em três capítulos onde demonstro os resquícios do colonialismo na sociedade contemporânea, aponto as questões étnicas-raciais dos alunos negros durante minhas aulas estágio, e finalizo com a oferta de uma abordagem metodológica metodologia voltada para o decolonialidade, empoderamento negro e a formação de um corpo docente com uma olhar mais ampliado diante da discentes negros.

Figura 1 - Plano de Aula Escola Parque

AULA 03	DATA: 03/07/2022	SEGUNDA AULA/dia	IDADE: +/- 11/17anos
Conteúdo	Objetivos	Recursos	Tempo
Aula leitura dramática Peça: "Nelson Rodrigues- Vestido de Noiva"	trabalhar interpretação, expressão e dicção. Material cênico e estético para processo de criação.	Sala	40 minutos
Debate Peça "Um olhar sócio-político"	Contextualizar os alunos da presença de um corpo político através da prática	sala vazia	20 minutos
Avaliação: Na terceira semana foi posterior a apresentação então propus uma roda de conversa sobre o ponto de vista deles do espetáculo, alguns, estava atuando pela primeira vez, pedi uma análise crítica alegando pontos positivos e caso houvesse pontos negativos, que propusessem uma solução.	Foi ótimo, pois encontramos soluções para alguns problemas de comunicação, organização, gabunча fora de hora, acredito que aprenderam muito com as falhas, e soubemos reconhecer os pontos positivos em relação a texto, atuação, postura em cena.	Depois fiz um alongamento e aquecimento (corpo e voz) com jogos teatrais: Apresentação (nome e movimento), Improvisando cenas com ações cotidianas (Onde? O que? Quem?) da cena.	

Fonte: Relatório ESAC 2¹

¹ Plano de aula elaborado por mim para o estágio na escola Parque Anísio Teixeira da disciplina de Estágio Supervisionado em Artes Cênicas 2.

Figura 2 - Plano de Aula centenário Ruth de Souza

Aula (Centenário Ruth de S.)	Data: 01/08/2023		Faixa etária: +/- 30 a 50 anos
Conteúdos:	Objetivos:	Recursos:	Tempo: 180min
1- Roda de compartilhamento 2- Apresentação do tema da aula "corpo e movimento"	Criar um ambiente seguro e confortável (apresentação, nome, idade, um pouco sobre estilo de vida Contextualizar sobre o tema da aula para agregar em conhecimento e segurança.)	Sala de dança	60min
3- Dinâmica (alongamento, aquecimento, jogos) 4- Montagem Sequência coreográfica coletiva com temática.	Preparar o corpo para ampliar as possibilidades dos próximos exercícios. Exercitar o potencial criativo, cinético e expressivo do corpo.	Papel Tesoura Caixa de som Caneta	60min
7- Dinâmica "Dançando me Expresso" (Sortear uma pergunta, dançar e debater resposta)	Estimular o autoconhecimento, expressividade, história e fala desses corpos que são negados escuta e espaços m.		60min
Avaliação:	Esta aula com toda certeza foi uma grande troca de aprendizagens, estas mulheres me ensinaram muito. Elas tinham muita necessidade de fala e escuta como se não tivessem tido isso por muito tempo.	Percebi que devia tomar muito cuidado com os movimentos e dinâmicas propostas pois eram corpos mais vulneráveis e cansados devido a jornada exaustiva de trabalho.	Muitas queriam dançar mas sentiam vergonha por motivos de terem um corpo muito recriminado pela sociedade, muito julgamento externo e interno.

Fonte: elaborado por mim para o exercício da aula.²

² Projeto independente, sem vínculo institucional, Ruth de Souza plano de aula elaborado por mim para o exercício da aula.

CAPÍTULO 1

Os Respingos do Colonialismo na Negritude Contemporânea

Visto que, as questões étnico-raciais negras no Brasil teve origem na exploração demasiada deste território, faz se necessário uma contextualização histórica de como estes povos, negros e nativos de África, chegaram no Brasil e compõem hoje 54% da população Brasileira.

No século XIX, durante a conferência de Berlim, com a política expansionista de “UTIS POSSIDETIS”, ocupo logo possuo, o continente africano foi dividido entre nações europeias para servir como fonte de recurso natural. Com o objetivo de faturamento emergencial europeu, a mão de obra negra passou a ser comercializada também em âmbito internacional, através da exportação. Durante a exploração descontrolada do continente africano a branquitude iniciou o processo de desumanização dos povos com uma abordagem alimentada pelo caráter expansionista e de hegemonia racial, visto que, a europa passava por uma corrida imperialista cujo o objetivo era exploração econômica e política na África e na Ásia.

Neste cenário, houve uma desumanização dos povos que já ocupavam esses espaços por parte dos homens brancos. Uma vez que, sustentado pelo capitalismo, a exploração africana foi baseada na inferioridade de raças, genocídio e etnocídio.

Estima-se que cerca de 12,5 milhões de pretos foram transportados como mercadorias, destes, 1,6 milhões de negros não sobreviveram à viagem, em média, 14 pessoas negras eram jogadas no oceano atlântico por dia. Ao chegar no Brasil os negros eram vendidos como “Peças” aos senhores de engenhos, europeus, aristocratas, donos de grandes fazendas produtoras de matéria prima e realizavam todos os trabalhos que a colônia demandava, os escravos eram as bases do colonialismo no Brasil.

“Apresenta os diversos setores nos quais estes se inserem: 1. escravos de oito ou ligados a atividades extrativas (vinculados à agricultura e pecuária); 2. escravos na mineração (extratores de diamantes, trabalhadores das minas de ouro, ourives, ferreiros, pedreiros, carpinteiros, etc.); 3. escravos domésticos nas cidades e casas grandes em geral (carregadores de liteiras, caçadores, mucamas e demais serventes domésticos, amas de leite, cozinheiras, cocheiros, etc.); 4. escravos de ganho (médicos, barbeiros, vendedores, carregadores, músicos, prostitutas, mendigos); entre outros tipos de escravos, como

soldados, serventes do Estado, da Igreja, de conventos, reprodutores e de aluguel.”

(SIVELIRA, ROCCA, FELIZBERTO, 2019, p.05 apud. MOURA, 2014)

Em 1888 houve a criminalização da escravidão com a legitimação da Lei Áurea. No entanto, as práticas abolicionistas não ofereciam nenhum auxílio de moradia, alimentação ou retorno para sua terra de origem aos negros, nesse cenário, alguns optaram por vender sua mão de obra em situação semelhantes a da escravidão, ou a marginalidade, acontecimento este, que foi imprescindível para a formação da sociedade contemporânea periférica e suas mazelas sociais. Isildinha Baptista Nogueira (2021) afirma, que após libertos das condições de cativos os negros continuaram, excluídos, despossuídos. Supunham que, saindo da condição de escravizado, o negro trabalharia como mão de obra remunerada para o seu autossustento. Porém, grande parte do contingente de cativos libertos vagava desorientada, sem condições para o seu auto sustento, e sem trabalho no campo, que começava, então, a ser feito pelos imigrantes.

1.1 Negros a Margem e na Criminalidade

A lei Áurea teve como principal objetivo a libertação dos negros da condição de escravidão, porém, não foi pensado uma forma reintegração social para os mesmos. Havia um apelo humanitário dos abolicionistas mas o interesse primordial da Inglaterra era econômico, pois, o comércio brasileiro, com a mão de obra escrava, era um grande concorrente para as colônias da Inglaterra, no qual, a mão de obra era assalariada. No século XIX houve também, a política imigrantista, que buscava desesperadamente embranquecer o Brasil e a mão de obra, majoritariamente, negra e indígena. O objetivo era negar a população negra o trabalho assalariado para que fossem obrigados a se submeter a trabalhos análogos a escravidão em troca de sobrevivência. Nesse sentido, tem origem a marginalização do homem negro livre que, assemelhado ao um animal, era obrigado a trabalhar em condições insalubres por troca de ração, aos que não se submetiam ao trabalho, o destino era a criminalidade.

“Desde então, libertos do cativo, mas jamais libertos da condição de escravizados de um estigma, os negros tem sofrido toda sorte de discriminação, que tem como base a ideia de serem negros seres inferiores, portanto, não merecedores de possibilidades sociais iguais. Ainda hoje, os negros representam 54% da população deste país, sendo facilmente identificado, não pela sua cor, mas pelas péssimas condições de moradia, saúde e escolaridade que os acompanham”. (BAPTISTA, 2021, p.33)

É evidente que sem o incentivo de políticas públicas, voltadas para uma população que acabara de sair de condições precárias de trabalho, o destino seja as ruas. Aqui se destaca umas das fontes da desigualdade social no Brasil o movimento de “Favelização” na qual ex-escravos se deslocavam para áreas mais afastadas da cidade.

“O processo de favelização no Brasil teve início no final do século XIX, quando aconteceu a abolição da escravidão. A falta de renda das pessoas ex-escravizadas e a discriminação para com elas fizeram com que se deslocassem para áreas mais afastadas dos centros das cidades e construíssem habitações de mais baixo custo”³.

As políticas de acessibilidades eram mínimas, não possibilitava uma ascensão social do negro, apenas a manutenção da riqueza nas mãos da aristocracia. Nesse sentido, a população marginal brasileira será formada por pessoas pretas: Os homens que vivem em vulnerabilidade, no desespero de colocar comida em casa, recorreram ao crime. As mulheres desempenharam a função de provedora do lar e com uma jornada intensa de trabalho. As crianças, carentes, sem expectativas de vida, seguiram o mesmo exemplo dos pais. Este é o ciclo de vida das pessoas negras, limitada pelo racismo estrutural.

“Segundo o Ipea (2011), 66,2% das casas em favelas são ocupadas por pessoas negras.”⁴

³ GUITARRA, Paloma, Favelização, Brasil Escola, Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/favelizacao-segregacao-urbana.htm>. Acesso em 17 de outubro de 2023.

⁴ Direito à Cidade e Formação das Favelas: Uma Expressão do Racismo Estrutural, Portal Galedés, 13 de mai. de 2022, Disponível em: <https://www.geledes.org.br/direito-a-cidade-e-formacao-das-favelas-uma-expressao-do-racismo-estrutural/?amp=1> Acesso em 17 de Out. de 2023.

“Diante dos estudos da Folha de São Paulo, no Brasil, a maior parte dos presos é negra, (68,2%) e tem de 18 a 29 anos (43,1%).”⁵

“80% dos mortos na troca de tiro entre polícia e tráfico são negros.”⁶

1.2 As Significações do Corpo Negro

A sociedade é construída por um sistema de significações que determina a cultura. As atribuições de sentidos e representações no mundo só é possível porque nos organizamos de forma que os indivíduos se relacionam seguindo uma determinada lógica. José Carlos Rodrigues (1979), responsável pela primeira publicação Brasileira que analisa as significações do corpo, Tabu do Corpo, defende, que o que a cultura exige, corresponde à necessidade do homem de atribuir sentidos a coisas, gestos e ações para manter controle social, e se manifesta nos sistemas de significações que constituem a estrutura cultural da sociedade.

“Reconhecimento de que em sutis

Diferenças e nuances de olhar, de posturas, de maneiras de cumprimentar, de atividades econômicas, de procedimentos rituais, exprime-se um juízo acerca das relações que existem entre que se olha, se comporta, se cumprimenta, trabalha ou age acerca do relacionamento entre estes e outros que não se relacionam diretamente com os primeiros”.
(RODRIGUES, 1979, p.43)

A cultura na sociedade humana, em diferentes nações, têm funcionado como manual de instrução que orienta o comportamento dos indivíduos em sua vida social. A lógica de signos sociais são introjetadas, muitas vezes, inconscientemente pela educação nos indivíduos

⁵ LACERDA, Lucas, Com 832 mil presos, Brasil tem a maior população carcerária da sua história, Folha de S. Paulo, 20 de jul. de 2023, Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/amp/cotidiano/2023/07/brasil-tem-832-mil-presos-populacao-carceraria-e-maior-que-a-de-99-dos-municipios-brasileiros.shtml> Acesso em 17 de Out. de 2023

⁶ COELHO, Henrique e GRANDIN, Felipe, 80% dos mortos por policiais no RJ no 1º semestre de 2019 eram negros e pardos, aponta levantamento, G1, 08 de fev. 2020, Rio de Janeiro, Disponível em: <https://g1.globo.com/google/amp/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/02/08/80percent-dos-mortos-por-policiais-no-rj-no-1-semester-de-2019-eram-negros-e-pardos-aponta-levantamento.ghtml> Acesso em 17 de Out. de 2023.

para estabelecer semelhanças, de maneira a garantir, uma homogeneidade para o sistema social: é o que garante o controle sistêmico e o processo de socialização dos indivíduos. Desta forma, as corridas expansionistas e imperialistas no Brasil, África e Ásia, trouxeram consequências simbólicas aos povos de culturas desconhecidas ao homem branco, com imposições e representações que garantisse aos colonizadores a posição de controle e superioridade, sendo mais específica, povos que compõem o bantus, mais de 400 grupos étnicos originários de África “O corpo funciona como marca dos valores sociais, nele a sociedade fixa seus sentidos e valores.” (NOGUEIRA, 2021, p.61)

Como mencionado anteriormente após a lei Áurea, 1888, sem políticas públicas de garantias, o corpo negro vagou a margem da sociedade em situação de vulnerabilidade. Para além de um corpo escravizado virou um corpo marginalizado e estereotipado: pobres, sujeitos, criminosos, preguiçosos, animalizados, e impuros. Nas redes de unidades significativas que constituem a cultura, o corpo negro apresenta sentidos que são intrínsecos na cor da pele, essas características físicas são associadas a tributos Morais e intelectuais, ou seja, o que expressa valores na sociedade está também direcionadas a características raciais. Nessa rede, o negro e o branco se constituem como extremos. O corpo branco pode se identificar com atributos morais e intelectuais que sua aparência expressa na linguagem da cultura que é investido como sagrado. O negro, no entanto, é aquele que traz a marca do “corpo negro” que expressa, escatologicamente, o repertório do execrável que a cultura afasta pela negatificação. As redes de significações atribuiu ao corpo negro a significância daquilo que é indesejável, inaceitável, por contraste com o corpo branco. O negro se vê condenado a carregar a própria aparência a marca da inferioridade social. O símbolo de prosperidade é o homem branco, logo, se estabelece uma aversão social no sentido em que, o homem negro se espelha no homem branco, e nega a sua própria cor para que dessa forma conquiste a ascensão social. Quem nunca escutou a famosa frase: “Han mas, o negro é racista consigo mesmo” “O negro pratica mais racismo que os brancos” porque o homem negro que foge dos paradigmas sociais da rejeição do corpo negro, sem um conhecimento histórico, vê como escape para si mesmo, a branquidão, nitidamente consequência de um sistema que coloca os negros em situação de miséria, estimula a meritocracia coloca e pessoas brancas como referência de estabilidade financeira, ou seja, a cultura construiu a categoria “negro” enquanto um signo e produziu para o indivíduo negro uma posição de ambivalência ao oferecer o paradigma da branquidão como lugar de identificação social. Logo, é comum que pessoas pretas, sem conhecimento histórico, étnico e racial, busquem embrabecer a família, optem por relacionamentos

interraciais, e que as famílias sejam desestruturadas por abandono paterno e exaustão materna. Na série da Netflix, Atlanta, conta a história de 4 jovens negros que buscam ascensão financeira através do Rapper, Alfred Miles, Earnest Marks, Vanessa Keef, e Darius na primeira temporada, no episódio, Montague, aparece um personagem preto, retinto que se denomina “Transracial”⁷ e diz ser um homem branco de 35 anos, é que ainda sustenta a transição racial com atitudes racistas. No Episódio, Value, da mesma temporada a Vanessa, professora de Colegial, recebe, em sala de aula, um aluno negro, com o rosto todo pintado de branco, que sorri para ela debochadamente. Para finalizar gostaria de destacar outra situação, dessa vez citada na série, mas baseada em fatos reais, o caso do jogador de baisebol negro, Sammy Sosa. Sosa aparecia na mídia, conforme o tempo passava, com a pele cada vez mais clara, e quando questionado disse: “Eu estava usando um creme por um longo tempo e, combinado às luzes brilhantes de TV, fez o meu rosto parecer mais branco” o que seria relatado ironicamente na série como o “White Face”⁸.

Figura 3 - personagem da série Atlanta.



Fonte: Série Atlanta, temporada 01, ep.06⁹

⁷ Transição de raça.

⁸ “Rosto branco” uma ironia ao “Black face” que é se fantasiar de outra raça pejorativamente .

⁹ Fonte: Série Atlanta, temporada 01, ep.07.

SANTOS, Felipe, Jovem se fantasia de “homem transracial” da série Atlanta para o Carnaval, RAPMAIS, 3 de març. de 2019, disponível em:

<https://portalrapmais.com/jovem-se-fantasia-de-homem-transracial-da-serie-atlanta-para-o-carnaval/> Acesso em:

03 de dez. 2023

Figura 4 - Personagem da Série Atlanta, Antoine Small.



Fonte: Série Atlanta, temporada 01, ep.07.¹⁰

Nesse caso, a série traz diversas possibilidades metafóricas em que, o homem negro que veste a brancura pode aparecer, na transracionalidade, no sabotamento social e no embranquecimento físico, na qual, ambas as situações são reflexo da violência racial que sofre um corpo negro.

“Tendo que conviver com a mais cruel forma de discriminação, isto é, a de um racismo encoberto, sutil, em que, embora aparentemente e legalmente amparado e com os mesmos direitos de qualquer outro cidadão, o negro é tratado como se não o fosse, e responsabilizado pelo seu déficit em relação aos outros cidadãos: “os negros não tem força de vontade”. É sempre visto como bandido, sujo, incapaz, e por mais esforços pessoais que tenha feito para conquistar um lugar social melhor, será um indivíduo marcado por essa cor que nao o separa desses impactáveis sentidos de que o configuram o racismo e a discriminação.” (BAPTISTA, 2021, p.30)

1.3 O Colonialismo e à Solidão do Homem Negro

Começo este parágrafo ressaltando que, as questões abordadas será em uma perspectiva ampliada de resquícios coloniais que refletem nos homens negros, não existe nenhuma intenção de toamentos de dores, apenas de evidenciar pontos que são imprescindíveis destacar, para que a comunidade docente tenha um olhar sensível diante desses corpos, não sou um homem negro.

¹⁰ HENRIQUE, Pedro, Série Maníacos, Atlanta 1x06/07: Value/B.A.N, 16 out. 2016, disponível em: <https://seriemaniacos.tv/atlanta-1x0607-valueb-n/> Acesso em: 03 de dez. 2023

O Ministério da Saúde em conjunto com a Universidade Brasília publicou¹¹, em 2018, que o risco de suicídio, entre jovens negros, de 10 a 29 anos, é 45% maior que os jovens brancos da mesma faixa etária, e revelam que o racismo e a exclusão social são os principais motivos do sofrimento e adoecimento dessa população. Na noite de sábado, dia 28 de outubro de 2023¹², Rodrigo Amendoim, influenciador digital, foi encontrado morto, aos 24 anos, em seu apartamento após tirar a própria vida. Rodrigo, possuía uma conta no seu Instagram com mais de 1 milhão de seguidores, relatou publicamente que teve uma infância difícil, era comerciante de amendoim e geladinho nas ruas de Salvador e através do compartilhamentos e engajamentos dos seus vídeos nas redes sociais, Rodrigo, teria conquistado uma ascensão financeira. Poucos dias, após o ocorrido o Rapper famoso, ExudoBlues (Diogo Álvoro), teria publicado uma foto em sua rede social, na qual, denunciou uma situação de racismo no dia 29 de outubro de 2023¹³ em um aeroporto, e destacou a seguinte frase: “ Independente da fama, independente do dinheiro, independente do respeito, ou poder, basta não saberem qual o seu rosto ou seu nome” (ÁLVORO, 2023). O cantor, na composição de sua música, Autoestima, também aborda o tema depressão em homens negros em paralelo a autoestima, fama e dinheiro.

“ Tantas dores que eu tentei esconder
 Queria tudo, me disseram: Isso não é pra você
 Julgamentos nos fizeram perder
 Livre demais pra quem não é conseguir entender

Usamos drogas pra esconder nossa dor
 Diamantes nas correntes pra ofuscar nossa dor
 Cravejamos o sorriso, não vão ver nossa dor
 Pago dez mil nesse tênis, tô pisando na dor

¹¹ Universidade de Brasília e Ministério da saúde, Brasília (DF), 2018, Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvsmis/publicacoes/obitos_suicidio_adolescentes_negros_2012_2016.pdf acesso em: 03 de Dez, 2023.

¹² G1 BA e TV BAHIA, Famosos lamentam morte de Rodrigo Amendoim, influenciador encontrado dentro de apartamento na Bahia, Salvador, 30 de out. de 2023, disponível em: <https://g1.globo.com/google/amp/ba/bahia/noticia/2023/10/30/rodrigo-amendoim-o-que-se-sabe-e-o-que-falta-esclarecer-sobre-morte-de-influenciador-digital.ghtml> Acesso em: 03 de Dez. 2023.

¹³ CAMIOTTO, Giovanna, Terra.com, Baco Exu do Blues relata racismo em aeroporto: "Hoje uma pessoa foi abertamente racista comigo", 30 de out. 2023, Disponível em: <https://www.terra.com.br/amp/nos/baco-exu-do-blues-relata-racismo-em-aeroporto-hoje-uma-pessoa-foi-abertamente-racista-comigo.de8ba9f37b674b6d358136e58ec0c155sb64cnzm.html> Acesso em: 03 de dez. 2023.

Essa roupa é cara, foda-se, compra, quero esconder minha dor

Esse carro é caro, foda-se, compra, eu quero fugir da minha dor

Nada disso consegue me tirar essa dor

Estando onde tô, não sinto direito de sentir essa dor

Eu só tô tentando achar

A autoestima que roubaram de mim

Que roubaram de mim, que roubaram de mim

Eu só tô tentando achar

A autoestima que roubaram de mim

Foda, na festa da Vogue teve tanto estilo

Ocupo dedos com anéis para não puxar gatilhos

Eu não te amo, desgraça

Furo nas minhas roupas

Não importa a marca

Fazendo mais bens que um papa

Me chama de papi

Motor da Benz nova abafando seu gemido

Foram vinte e cinco anos pra eu me achar lindo

Sempre tive o mesmo rosto

A moda que mudou de gosto

E agora querem que eu entenda

Seu afeto repentino

Eu só tô tentando achar

A autoestima que roubaram de mim

Que roubaram de mim, que roubaram de mim

Eu só tô tentando achar

A autoestima que roubaram de mim

Que roubaram de mim, que roubaram de mim
(De nós, de mim)”

(Baco Exu dos Blues)

Renato Freitas, Deputado Estadual do Paraná, aos 40 anos, deu uma entrevista¹⁴ para o jornal ICL Notícias (Instituto de Cultura Educação e Informação). Neste vídeo, o deputado relata ter passado 20 anos das sua vida em absoluto silêncio, sentado em uma cadeira com um capuz na cabeça, no fundo da sala de aula torcendo para não ser visto, não ser enxergado, ser invisível, e que em seu trabalho de balconista, a sua fala era programada, não eram suas, porque tinha medo de ser escravo das próprias falas em um mundo genocida que é o Brasil. Atualmente, exercendo o cargo de Deputado Estadual do Paraná afirma que a universidade garantiu a sua liberdade através do conhecimento, cursou ciências sociais e passou 10 anos somente lendo, e foi onde encontrou forças para denunciar as atrocidades que o estado é capaz de cometer.

Antes da chegada do colonizador em África os povos africanos viviam em pequenas comunidades que possuíam as suas próprias culturas e línguas, dominavam técnicas de agricultura, metalúrgica, matemática, mineração ourivesaria. A vida desses povos era em comunidade, não existia propriedade privada, as terras eram dos Deuses e as nações que residiam nesses territórios pediam licença às entidades para fazer uso dos recursos naturais, tudo era feito voltado para o bem de todo um coletivo.

Quando retirado de África o homem negro foi submetido a um estilo e vida que negava toda as suas raízes ancestrais e obrigado a consumir a cultura do homem branco. O colonialismo, diferente da vida em comunidade em África, prega pela acumulação de riquezas através da dominação territorial, cultural e religiosa de um determinado povo, nas mãos de um latifundiário, o pacto colonial só foi possível pela existência da mão de obra escravista e que dá origem ao capitalismo. Um ano após a abolição, do mercado escravista no Brasil, houve a instalação da república em 1889, forma de governo em que o estado visa atender às necessidades dos cidadãos, no entanto, o regime republicano só foi mais uma manobra política que permitiu a manutenção do poder nas mãos dos grandes latifundiários, as organizações estatais e instituições públicas passam a ser geridas por donos de terras, ou seja,

¹⁴ FREITAS, Renato, Instagram @renatofreitasumdenós, 24 de ago. de 2023, disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CwV15WrtfI2/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>, Acesso em: 03 de Dez.de 2023.

dando continuidade ao ciclo patrimonialista de apropriação de riquezas sob as novas condições do capitalismo industrial.

“A racialização, pós-abolicionista, era uma estratégia endocolonial para a construção de fronteiras sociais internas, ideologicamente respaldada por saberes pseudocientíficos sobre a inferioridade antropológica do negro, assim como por interesses econômicos, no sentido de atribuir menor valor salarial a sua força de trabalho como homem livre” (SODRÉ, 2023, p.44)

Nesse sentido, é impossível que haja uma reforma agrária pós abolição, uma vez que, os donos do estado são latifundiários que prezam pela manutenção do status quo, em manter as coisas como estão, o que é uma grande problemática, pois inviabiliza que as pessoas pretas, em um sistema capitalista, possam conviver de forma justa com o homem branco, diante de todos os seus privilégios, quando lhe é negado o mínimo para exercer a sua dignidade. Até mesmo, um inglês, liberalista, branco, John Lock (1689) defendeu que, para que um indivíduo exerça sua cidadania, de forma justa, é dever do estado fornecer um pedaço de terra e que o cidadão tenha posse sob a sua propriedade, pois é um direito natural todos, ou seja, existente independente das convenções humanas.

“Para o filósofo, o direito de propriedade é a base da liberdade humana, isso por que todo homem tem a sua propriedade como sua casa, tendo em vista que o homem emprega uma dedicação para tê-la. Logo, o governo existe para proteger esse direito de possíveis violações.” (EMANUELE, MACIEL, MELISSA, Apud. LOCKE, 2019, p.64)

Os homens negros mencionados anteriormente, Rodrigo Amendoin, Diogo Álvaro e Renato Freitas, ambos passaram por quadros depressivos, infelizmente, um deles, vindo a óbito. O que existe em comum entre os três, além da raça, é a ascensão financeira, essa característica faz imprescindível destacar novamente que, o capitalismo tem influência direta no atraso social de pessoas negras, e para além de estimular a competição é um sistema econômico que se mantém através da categorização de raças sustentado por um discurso de hegemonia racial que se constrói barreiras sociais que justificam que o pobre, seja pobre, e

que o rico, seja rico. Logo, mesmo com grandes propriedades, carros luxuosos, mulheres e dinheiro, estes homens não encontraram a felicidade plena, pois ainda sofrem as consequências das significares de um corpo negro, de um inconsciente marcado por violência, racismo, tortura, vergonha. A questão é que mesmo comprando itens de grandes valores o negro ainda vai se sentir inferior porque o próprio sistemas alimenta as estigmas sociais do preto, pobre e favelado como diz, o rapper, Baco Exu dos Blues, na letra da música, Autoestima, citada anteriormente: “Essa roupa é cara, foda-se, compra, quero esconder minha dor, esse carro é caro, foda-se, compra, eu quero fugir da minha dor, nada disso consegue me tirar essa dor”. O que justifica a doença psicológica dos homens negros, ao buscar a felicidade no financeiro, no discurso meritocrático que o capitalismo vende, que quando alcançadas se tornam um vazio, pois a cura do homem negro não está no dinheiro, sim na decolonização de toda uma sociedade neo-colonial.

1.4 Afetividades Negras

Diante das circunstâncias de vida, na qual, os negros eram submetidos durante a escravidão: castigo, humilhações e tortura, o amor, era um risco de exposição a mais uma possível dor. A possibilidade de assistir filhos serem vendidos, mulheres violentadas, homens açoitados e anciões mortos lentamente pelas condições insalubres de saúde, não amar, era uma imposição e também, uma autodefesa. Nesse sentido, o colonialismo destituiu pessoas negras das suas afetividades e subjetividades, o que deu origem a um vácuo no que diz respeito à emoções, autocuidado, autoestima conosco e com os outros. A permanência intrínseca do patriarcado contribui para a permanência deste “vazio” e dissemina uma utopia falocêntrica que distancia os homens de suas vulnerabilidades, desta forma, os homens não são estimulados a falar sobre seus sentimentos e emoções. A perspectiva machista impõe uma ideologia normativa, viril, violenta, sexualizada, masculina diante dos corpos negros e cria um estereótipo de heteronormatividade que quando não seguida pela maioria dos pretos colocas em evidência a sua autoestima, pois, já se identifica em um lugar de não atender

diversas expectativas sociais, a não virilidade seria mais uma delas. Homens negros distante dos valores que a sociedade impõe. Durante o velório de Rodrigo Amendoim, o humorista citado anteriormente, seu amigo, Christian Bell, influenciador Baiano, relatou que o jovem não sabia o que era um abraço, que sofrera tanta violência nas ruas e em casa que não sabia receber afeto e retribuir. A realidade é que pessoas negras, após libertas da escravidão, não foram ensinadas sobre carinho e cuidado, e isso se torna um ciclo geracional, pois, como oferecer o que você não aprendeu a ter? O que torna ainda mais distante a afetividade de pessoas negras, é a criminalidade aqui no Brasil, pois, a quantidade de pessoas que morrem por ano é equivalente a uma guerra civil, uma pesquisa da revista. Na folha de São Paulo foi publicado também, dados que revelam que os homens, jovens e negros, são os que mais morrem e os que mais matam, especialista diz, violência racial é um problema histórico não enfrentado pelo Estado¹⁵.

“A grande questão é que temos um modelo de masculinidade tóxica, que não foi feita para homens negros, mas é absorvida por nós, sem que gozemos dos privilégios e no fim, estamos morrendo e trabalhando exaustivamente, sem tempo para refletirmos e construirmos nossa sexualidade e afetividade. Isso configura um tipo de *desarranjo* da nossa personalidade, das nossas infâncias, das nossas experiências enquanto jovens negros. Não estranhamente, todo bairro de periferia tem um homem negro mentalmente desequilibrado, alcoólatra ou dependente químico jogado pelas ruas. Isso não é por acaso, é um projeto de extermínio que vai desde a anulação das nossas mínimas possibilidades de subsistência econômica até o aterramento das nossas subjetividades”. (Masculinidade Negra, Carta Capital, 2019)

Nesse sentido, enquanto estruturas escravistas forem presentes, no âmbito de, raça, gênero e classe, a perspectiva de privilégio e afetividade se mantém, pois ainda é ariscado para pessoas negras amarem, uma vez que, estão na linha de frente de uma velada guerra civil, na qual, os negros, somam a maior porcentagem de óbitos. “A autoestima do homem negro é ditada pelas suas aquisições financeiras, as relações afetivas sofrem as consequências

¹⁵ Homens, Negros e Jovens São os Que Mais Morrem e os Que Mais Matam, Folha de S. Paulo, São Paulo, 20 de abr. de 2018, Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://temas.folha.uol.com.br/e-agora-brasil-seguranca-publica/criminalidade/homens-negros-e-jovens-sao-os-que-mais-morrem-e-os-que-mais-matam.shtml> Acesso em: 23 de nov. de 2023

de um autocuidado inexistente. Tudo isso dá origem a solidão do homem negro que respinga na solidão da mulher negra” Fala de Marco Antônio Fera, no canal do YouTube, Um pretinho mais que básico¹⁶.

Eu durmo pronto pra guerra

E eu não era assim

Eu tenho ódio e sei, que é o mal pra mim

Fazer o que, se é assim, vida loka fabulosa

O cheiro é de pólvora

E eu prefiro rosas

(Racionais Mc's, 2004)

1.5 Mulheres negras X Raça, Gênero e Classe

Voltando em 1888, ao momento da implementação da lei Áurea no Brasil, destaco, as condições precárias de trabalhos na qual as pessoas negras foram sujeitas devido à inexistência de uma reforma agrária e políticas públicas que atendessem as necessidades desta população recém escravizada. O que não destaquei foram as condições de trabalho na qual as mulheres negras foram obrigadas a se submeter, no caso, a maioria delas, de Empregada Doméstica. As mulheres negras, que trabalhavam nas casas grandes, mucamas, amas de leite, cozinheiras, eram sujeitas a uma jornada extensa de trabalho, geralmente, tinham horário para iniciar os afazeres, mas não para terminar, ficavam sempre a disposição da senhora, sem intervalos recreativos. Hoje, o trabalho doméstico remunerado no Brasil emprega mais 6 milhões de trabalhadores, sendo 92% mulheres, que em sua esmagadora maioria são negras¹⁷. As coincidências da contemporaneidade com o período colonial, são várias, e se estendem para o trabalho braçal que em muitas ocasiões se mantém em

¹⁶ ANTÔNIO, Marco, Pretinho Mais Que Básico, A solidão do Homem Negro, YOUTUBE, 10 de jul. de 2020, Disponível em: <https://youtu.be/BEW1KzEZ5fw?si=IgiCLXcQ74geEgOD> Acesso em: 23 de nov. de 2023

¹⁷ COELHO, Rafaela, CATARINAS, 6 de, jul. de 2021, : TRABALHADORA DOMÉSTICA NÃO É DA FAMÍLIA: CONHEÇA O GUIA DA CONTRATAÇÃO RESPONSÁVEL Disponível em: <https://catarinas.info/web-stories/65-das-trabalhadoras-domesticas-do-brasil-sao-negras/> Acesso em: 03 de Dez. 2023.

condições análogas a escravidão mesmo após 1 século de abolição. As jornadas de trabalho das mulheres negras atualmente, se concentram na área doméstica e carregam o histórico de salários baixos, negação de direitos trabalhistas além da carga exaustiva de trabalho. Nesse sentido, alguns aspectos fazem-se relevantes e colaboram para a manutenção das condições subalternas das mulheres negras: direitos trabalhistas tardiamente conquistados, racismo, capitalismo e o distanciamento de uma educação libertadora.

A categorização de raças é uma característica indissociável do século XIX, a hegemonia racial preenche o corpo de mulheres negras com várias significações depreciativas, que serviram de utilidades para manter sistemas que se baseiam na exploração, uma vez que justificavam as más condições de trabalho com as características étnicas do indivíduo.

“A escravidão do povo negro surgiu com a acumulação primitiva do capital, se tornando um lucrativo negócio para a classe dominante em ascensão, que passou a usar os traços, fenótipos, a cor de pele e as origens culturais do povo negro como justificativas para considerá-los propriedades, submetidos aos piores tipos de opressão e a exploração durante séculos e séculos de trabalho escravo não pago”. (PARKS, ASSSIS, CACAU, 2021 p.149)

Além de se sustentar pelo racismo, a economia de mercado capitalista também se sustenta pelo patriarcado, uma vez que historicamente as tarefas de vida privada são exclusivas das mulheres, e as tarefas de vida públicas são exclusivas aos homens, uma dicotomia entre o local de trabalho e a casa. Nesse sentido, a mulher negra se vê golpeada pelas questões de gênero, raças e mercado. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, as mulheres recebem 20,2% menos que os homens e a hora de trabalho de uma pessoa negra vale 40,2% a menos do que a de uma branca. Ao se comparar a remuneração de mulheres negras com profissionais brancos, a diferença fica em 46%¹⁸. Além disso, as mulheres negras foram as últimas na categoria de gênero e raça a conquistarem seus direitos trabalhistas, no ponto de vista da classe dominante, percepção esta debatida no livro *Mulheres Negras e o Marxismo* (2021) não havia vantagem em garantir os

¹⁸ “Mulheres negras recebem 55% menos que o homem branco, diz pesquisa” MARIANA ANDRANDE, 08, mar. 2023, *Metrópoles* Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/mulheres-negras-recebem-55-menos-que-homens-brancos-diz-pesquisa/amp>

direitos trabalhistas das mulheres domésticas pois não traziam lucro para o estado. Outro motivo para as mulheres negras terem conquistado seu direitos tardiamente era a segregação em que as domésticas eram submetidas, quase não tinha tempo de lazer, e a falta de educação não permitia que tivessem conhecimentos sobre seus direitos, clts, sindicatos, muito menos que se organizassem enquanto manifestantes. A grande problemática é que as longas jornadas de trabalho trouxeram consequências simbólicas para as relações afetivas e subjetividades pessoais das mulheres negras, pois acabavam não tendo tempo para exercer a maternidade, o afeto e o autocuidado de forma plena. Era comum que estas mulheres cuidassem dos filhos das sinhas e negligenciaram os seus filhos ou até mesmo entregassem aos patrões para que fossem vendidos ou exercessem alguma função no trabalho. Os donos das fazendas, muitas vezes, optaram por ceder um quarto às empregadas, mas não no sentido de diminuir a exaustão do trabalho, e sim no sentido de controle e vigia. O que não se distingue da contemporaneidade, uma vez que, muitas trabalhadoras domésticas são obrigadas a levarem seus filhos ao trabalho porque o estado não garante nenhuma assistência de creche e cuidados, em alguns casos, as crianças ainda sofrem preconceitos na casa dos patrões, circunstância que me faz lembrar do caso do menino Miguel, filho da trabalhadora doméstica Mirtes Renata de Souza.

Mirtes, durante a pandemia, precisou levar seu filho de 5 anos, para o trabalho na casa da patroa Sári Corte Real, a primeira dama do prefeito Sérgio Hacker (PSB) em Pernambuco, neste dia, a doméstica deixou os filhos sobre os cuidados da Sari Corte e foi levar o cachorro da mesma para passear. Miguel, uma criança de apenas 5 anos, sentiu falta da mãe, a patroa, que estava fazendo a unha, impaciente, não só levou o menino até o elevador como também apertou o botão do elevador, sem olhar para onde estava o destino do equipamento. Miguel, sozinho, subiu até o nono andar onde se desequilibrou e caiu de uma altura de 35 metros. Mirtes, ao voltar do passeio com o cachorro da patroa, encontra seu filho morto, no meio da rua. Sári segue viva e livre após pagar a fiança, mas não diria o mesmo de Mirtes, ao perder seu filho.

“Não, mas se fosse eu Mirtes Renata que tivesse feito aquilo com um dos filhos dela, eles iriam me prender, não teria direito a fiança. Se eu tivesse direito a fiança iria colocar um valor exorbitante que eu não iria conseguir ter dinheiro para pagar(..) Mas naquele momento ali, eles tinham prova de que ela cometeu um crime e só colocaram uma fianças porque ela era

mulher do prefeito, ela teve privilégios naquele momento, coisas que eu não iria ter, por eu ser uma empregada negra e periférica”. (SOUZA, Mirtes, *Mulheres Negras e o Marxismo*, 2021, p.170)

Gostaria de destacar também, caso da senhora negra de 61 anos que, em 2020, foi encontrada trancada nos fundos da casa de uma das diretoras executivas da Avon em Alto de Pinheiros, bairro nobre de São Paulo. Mariah Corazza, teria abandonado a empregada doméstica, após a senhora ter lhe prestado serviço por mais de 20 anos, sozinha, sem acesso a saneamento básico, com o salário equivalente a 250,00 mensal, mas quem não recebia desde 2011. E Existe também o caso de Madalena, uma mulher negra que foi escravizada durante 38 anos por uma família tradicional de uma cidade do interior de Minas Gerais¹⁹.

“Madalena Gordiano tinha oito anos quando bateu em uma porta para pedir comida. Alguém convidou para entrar aquela menina negra que tinha uma irmã gêmea e outros sete irmãos. A dona da casa, uma professora branca, prometeu adotá-la. Sua mãe aceitou. Mas ela nunca foi adotada nem voltou à escola. Cozinhar, lavar, limpar banheiros, tirar o pó, arrumar a casa da família de Maria das Graças Milagres Rigueira se tornou sua rotina diária durante as quatro décadas seguintes.” (El País, 2021)

É recorrente que as relações afetivas das mulheres negras sejam efêmeras, muitas delas, inclusive, mães solas, sofrem do que chamamos de solidão da mulher negra. O colonialismo afetou o homem negro socialmente e trouxe consequências diretas para as relações afrocentradas, pois, como citado no início deste capítulo, os negros foram ensinados a se espelhar nos brancos e odiar o que o seu corpo significa logo, quando o homem preto acende socialmente ele opta, privilégio de escolha patriarcal, por uma mulher que atenda os pré-requisitos da brancura em vez de, uma mulher que simbolize o trabalho braçal, uma empregada. No artigo, *Masculinidade Negra*, da página Carta Capital (2019) o autor diz, A branquitude criou imagens visuais que aproximam a mulher negra, como a “doméstica”, a nós, homens negros, fica uma imagem de "violento". Aspectos estes representados de forma negativa, pois é importante lembrar que não há problema algum em ser doméstica, a não ser para o capitalismo que alimenta hierarquia de profissões e raça. Existe também, o fato de

¹⁹ Caso de Madalena, escrava desde os 8 anos, expõe legado de escravidão do Brasil, Naiara Galarrara, El País, São Paulo, 14 jan. 2021, Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-01-14/madalena-escrava-desde-os-oito-anos-expoe-caso-extremo-de-racismo-no-brasil-do-seculo-xxi.html?outputType=amp> Acesso em: 23 de nov. 2023

que, uma companheira negra lembre das responsabilidades políticas, ancestrais, e sociais que carregam, ou seja, lembre para um homem negro, que ele é negro. Logo, é comum ver homens negros, em relacionamentos interraciais, na busca do status da brancura, pois as mulheres negras reforçam o estereótipos de domésticas, pobres e militantes que o homem negro, uma vez de origens marginais, não teve auxílio emocional, educacional e psicológico para empoderar-se e afrocentrar. Nesse âmbito, com frequência, no Brasil, são mulheres brancas que desfrutam dos privilégios de homem negros com “ascensão social” e ganham casas, carros, joias, viagens, enquanto as mulheres negras sobrevivem em condições insalubres de trabalho. “Não quero ser reconhecido como negro, e sim como branco. Ora, [...] quem pode proporcioná-lo, senão a branca? Amando-me ela me prova que sou digno de um amor branco. Sou amado como um branco”.Sou um branco. (FANON, 1952)

“A grande questão é que temos um modelo de masculinidade tóxica, que não foi feita para homens negros, mas é absorvida por nós, sem que gozemos dos privilégios e no fim, estamos morrendo e trabalhando exaustivamente, sem tempo para refletirmos e construirmos nossa sexualidade e afetividade. Isso configura um tipo de desarranjo da nossa personalidade, das nossas infâncias, das nossas experiências enquanto jovens negros. Não estranhamente, todo bairro de periferia tem um homem negro mentalmente desequilibrado, alcoólatra ou dependente químico jogado pelas ruas. Isso não é por acaso, é um projeto de extermínio que vai desde a anulação das nossas mínimas possibilidades de subsistência econômica até o aterramento das nossas subjetividades.”²⁰

CAPÍTULO 2

Evidenciando Questões Étnicas-Raciais da Negritude na Prática Docente

²⁰ Masculinidade Negra, Carta Capital, 06 de jul. de 2019 Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/perifaconnection/masculinidade-negra/amp/> Acesso em: 23 de nov. de 2023.

2.Contexto

No capítulo anterior foram destacadas as consequências que as relações coloniais, em breve, capitalistas, trouxeram para a negritude no Brasil no campo das significações de um corpo negro, criminalidade, afetividade, solidão do homem negro e solidão da mulher negra, questões estas, étnico-raciais, imprescindíveis do conhecimento de um corpo docente de qualquer instituição seja, formal, quanto informal, pois é uma área que se destina as aprendizagens e a construção de relações humanizadas. No entanto, este trabalho é destinado para o corpo docente das artes cênicas e as didáticas, que em breve serão debatidas, é voltada para um embasamento teórico-metodológico teatral. Nesse sentido, parto de uma análise descritiva e explicativa das aulas que pude ministrar na Disciplina Estágio 2, em Artes Cênicas, com a professora Fabiana Lazzari, e no projeto independente, Centenário Ruth de Souza, com a produtora Naiara Lira.

A Ceilândia é uma das maiores periferias do DF e abriga a maior favela da América Latina, o Sol Nascente, sua abreviação CEI, significa, Centro de Erradicação de Invasores, que teve o seu processo de formação de uma forma violenta. Pois, ainda no governo de Juscelino Kubitschek, houve uma política de interiorização que trouxe várias pessoas, de outros estados, para construir a capital do Brasil, Brasília, simultaneamente, os trabalhadores, foram expostos a condições precárias de trabalhos, a negação dos seus direitos e na pior das circunstâncias, chacina, tomo como exemplo, o massacre da construtora Pacheco Fernandes²¹ no dia 8 de fevereiro de 1959, na qual, encontraremos melhores informações documentadas no filme, Conterrâneos Velhos de Guerra, de Vladimir Carvalho. Os construtores da cidade satélite residiam no Núcleo Bandeirante, Candangolândia e Vila Planalto, por isso o nome de “Bandeirantes” aos primeiros moradores de Brasília, porém, as áreas habitacionais desses trabalhadores ficavam muito próximas do centro da cidade e colocava em questão a imagem límpida, finalizado e segura que o governo queria passar de Brasília. Houve então, um processo de higienização da cidade e os trabalhadores, tratados como invasores, tiveram suas coisas colocadas em uma caçamba e jogadas a 16 quilômetros de distância, em um matagal, dando origem ao que chamamos hoje de Ceilândia. Aqui vemos repetir o processo de embranquecimento, favelização e marginalização de uma cidade recém

²¹ VILELA, Pedro, Brasil de Fato, Crime oculto: O massacre que tentaram apagar da história da construção de Brasília 20 de jul. de 2019, Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/07/20/crime-oculto-o-massacre-que-tentaram-apagar-da-historia-da-construcao-de-brasil> Acesso em: 04 de dez. de 2023

construída, Brasília DF, dando origem a Ceilândia, a cidade nascida com trabalhadores desabrigados em situação de rua. Logo, vemos que o público dessa escola será formada por filhos de trabalhadores, majoritariamente negros, que tiveram seus direitos trabalhistas negados, e sofreram um processo de marginalização que tem como consequência, uma exposição à criminalidade, falta de saneamento básico, insegurança e dependentes químicos, que inclusive, são as barreiras encontradas pela escola, com a comunidade.

As escolas Parque, criada na década de 70 por Anísio Teixeira, antigo diretor do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), são instituições de ensino públicas que funcionam com uma metodologia um pouco diferenciada das escolas tradicionais, o objetivo das escolas parque é oferecer um ensino integralizado em um contraturno das aulas convencionais com atividades extracurriculares voltada para o campo cultural, social e artístico. Na escola parque Anísio Teixeira, da Ceilândia, eram ofertadas componentes como dança, teatro, natação, vôlei, handebol, futsal, canto, violão, xadrez, artes plásticas, entre outros cursos, todos voltados para uma aprendizagem de formação integral, universal e humana. Os alunos das turmas na qual estagiei era da segunda etapa do ensino fundamental, não tinha segmentação por série, a idade variava de 11 a 14 anos, podendo haver repetentes, o que era um grande desafio pois, os meus planos de aulas deviam atender a todas as faixas etárias.

Figura 5 - Escola Parque Anísio Teixeira



Fonte: Facebook Escola Parque Anísio Teixeira²²

²² <https://m.facebook.com/escolaparqueanisioteixeiraceilandia>

Figura 6 - Sala de Teatro da Escola

Fonte: Foto registrado por Karine Araújo

2.1 Isaac

Na turma tinha um garotinho chamado Isac, negro de pele clara, Isac tinha escolhido pelo curso de teatro, mas não participava das aulas, porém, em alguns exercícios era possível ver que o garotinho tinha vontade mas não tinha coragem, comecei a pensar em diversas possibilidades de tornar o ambiente mais confortável para o Isac, pois, procurei a professora e busquei saber um pouco do histórico dele e descobri que era um menino proativo, no início de semestre, e que perdera a vontade de estar fazendo as aulas pouco a pouco até não querer mais, de forma alguma. Outra coisa que observei com bastante atenção, era a forma com que os coleguinhas tratavam ele, sempre de forma respeitosa e generosa assim pude descartar a possibilidade de um bullying. Propus uma roda de apresentação, e que todos falassem seu nome e como foi seu dia, dessa forma, talvez o Isaac se sentisse mais confortável com a turma, pois todos teriam que falar, e funcionou, Isaac falou. Depois pesquisei alguns jogos lúdicos que os alunos pudessem, de alguma forma, ficar confortáveis consigo e com outros em sala de aula. Comecei com um jogo de memorização e coordenação motora, brincamos, Isaac se empolgou e se jogou na brincadeira, até que eu decidi elevar um pouco o nível pois as crianças já tinham total domínio do jogo. A mudança fez com que Isaac ficasse um pouco inseguro, pois a ideia era montar uma pequena cena individual com os elementos que havíamos vindo trabalhando, ao ver a situação, busquei confortá-lo, e falei: “divirta-se, está tudo bem, vai ser legal” mesmo assim, após alguns minutos, Isaac decidiu que não iria brincar. Percebi que o motivo da desistência do Isaac, não era porque estava com vergonha, mas sim porque se colocava em um lugar de autojulgamento diante das cenas dos seus coleguinhas, no sentido de se sentir inferior e insuficiente ao ponto de se sabotar, uma

comparação nada saudável. Infelizmente, este tipo de comportamento é reflexo de um sistema de competição que preza pela hierarquia, mesmo não sendo estimulado a competição, Isaac se viu nessa situação, pois é isso, que uma sociedade meritocrática de mercado capitalista impõe intrinsicamente na mente dos jovens, que vença o melhor, e pra não parecer, fraco, frágil, na posição de não ser o melhor, Isaac preferiu não se expor, o que é comum em meninos negros, pois o sistema dúvida da nossa capacidade todos os dia, não há uma dia em que precisamos provar que somos dignos de alguma coisa. Como aborda Isildinnha Nogueira (2021) em *As Significações de Um Corpo Negro*, O nosso corpo carrega o significado do ruim, do negativo, da dúvida, ou seja, crescemos aprendendo invalidar as nossas ações por conta da nossa raça, as dúvidas da nossa capacidade estão inconscientemente introjetadas nossas mentes e fora reflexos do racismo. Logo, uma metodologia pautada na competição, inferiorização, e humilhação, como forma de estimulação, não é cabível para um aluno negro, uma vez que, este lugar da competição foi historicamente cruel com nossos corpos. Nesse âmbito, as metodologias de ludicidade, criatividade e contexto são imprescindíveis para alunos como Isaac, pois os deixam confortável, estimulam criatividade e confiança, além de fornecer um conhecimento histórico-cultural, iniciando assim, um processo de empoderamento.

Figura - 7 Turma referente o ocorrido



Fonte: Foto registrada por mim

2.2 Duda

Em um dos dias do estágio, propus uma roda reflexiva a partir do apontamento de erros e acertos de um espetáculo teatral que haviam apresentado na semana anterior, para que pudessem e fossem estimulados a ter uma análise crítica, e também propusessem soluções para as problemáticas que ocorreram sem deixar de pontuar os aspectos que deram muito certo e que mereciam ser destacados, parabenizados. No entanto, eu havia percebido que não paramos para refletir sobre o principal quesito, o tema do espetáculo, emoções, que abordava os sentimentos em diversos planos e fazia uma denúncia política em relação a bullying, depressão, racismo, violência, temas estes, de grande importância para a comunidade escolar. Quando provocados sobre o assunto, por mim, senti uma certa resistência para que falassem sobre, muitos por vergonha, outros por uma espécie de “pacto” de alunos da escola de não denunciar violências para que não saísse com um “X9”, “dedo-duro”, “fofoqueiro” porém, continuei insistindo, e me mostrei como pessoa vulnerável, que já tivera passado por diversas violências na escola quando era adolescente, até que Duda falou: “Han mas, os meninos ficam rindo das nossas fotos”, essa fala fez com que tivéssemos uma reflexão sobre a violência nas redes sociais no sentido de ridicularizar as imagens do coleguinha, o que é uma novidade para a comunidade institucional, pois, as redes sociais fogem das barreiras do ambiente escolar. Nesse caso, se faz necessário a presença de um auxiliar psiquiátrico na enfermaria da escola, além, de um profissional da ciência computacional que possa policiar os bullying virtuais causados por alunos. Este assunto, não lembro de que forma, levou até o relato de uma aluna que havia sofrido transfobia por parte dos alunos. Os adolescentes da escola chamam esses alunos, que sempre andam juntos, de “gângsters”, pagam de “bandidos”, são meninos “maus”, e de alguma forma se mantêm no topo da hierarquia escolar por serem “descolados” esses meninos não só compactuam com a violência, como também ditam uma espécie de regra, como se fosse algum tipo de sociedade paralela. O aluno conta que em um dia comum de aula, a namoradinha de um desses meninos do bonde foi ao banheiro feminino, e logo em seguida uma aluna transexual entrou no mesmo banheiro, o que ocasionou em um desconforto e um conflito verbal, pois, o namorado da menina, o “gângster”, questionou o fato de um “homem”, palavras usadas por ele, estar usando o banheiro feminino, denominou a situação de assédio e disseminou palavras de violência contra a aluna transexual, o que culminou em um crime de injúria racial, no ambiente escolar. Porém, pasmem, como relatado pelos alunos, não houve nenhum envolvimento de intervenção da comunidade escolar na violência relatada. Este é um relato de uma situação um tanto problemática pois, existem diversas camadas, desde os “gângster”, namorada, aluna

transexual e comunidade escolar, nesse sentido, proponho uma análise considerando as questões étnicas raciais mencionadas no primeiro capítulo:

Os gângsters

Os meninos vem de um contexto periférico em que as relações de poder se dão de formas diferentes de um mundo de monopólios financeiros, geralmente através da força e violência. Estes adolescentes encontram nesses “bondes” um dispositivo associado à possibilidade de ascensão social, construção de identidade e exercício de poder, maneiras de autoafirmação e reconhecimento que não lhes foram oferecidas de outro modo, pois tem seus sonhos limitados pela desigualdade social. O sistema capitalista que se caracteriza pela negação de oportunidades para os setores mais carentes da classe trabalhadora, os bondes, facções na qual os membros são reconhecidos como “gângsters”, funcionam como uma rede de acolhimento que oferecem o sentimento de pertencimento e respeito para sujeitos que carregam na sua história individual a marca da humilhação diária. Os desejos de progresso alimentam a aproximação com alianças faccionais. Estas condições contribuem para a disseminação da violência por parte destes jovens nas escolas, pois é uma forma de legitimar a existência dessas facções e se manter no poder, uma vez que, essas são as referências de ascensão social que os jovens periféricos tem, o que infelizmente levou a violência de gênero com aluna transexual, violência esta por legitimação territorial e sustentada por estigmas machistas e transfóbicas.

A namorada

A companheira do aluno que cometeu transfobia foi conivente com a situação pois optou por não se manifestar, o que é justificável visto que, existe uma relação de hierarquia entre os elementos da situação e ela escolheu o lado mais “forte”. Porém, sabemos que, por ser mulher, o poder de escolha dessa aluna é limitado, uma vez que, existe uma influência patriarcal na qual permite que ela goze do status social que essas “facções” fornecem ao admitir ser companheira de um dos meninos, o que é uma ilusão.

A Aluna transexual

Antes de discorrer sobre a situação gostaria de destacar que não é este meu local de fala, o objetivo é relatar o que foi observado no estágio em uma perspectiva étnic- racial. Só quem já foi oprimido no ambiente escolar sabe o quão cruel a escola pode ser para um aluno que está em seu processo de formação, não pude acompanhar a aluna após a violência, mas o ideal é que esta fosse encaminhada para um atendimento especializado, seja psiquiátrico ou terapêutico. É confuso para um ser humano buscar referências na construção de sua identidade e ao mesmo tempo ser discriminado por isso. Aqui existe uma semelhança entre os meninos do bonde, a construção de uma identidade que fornece uma ascensão social que é sustentada pela facção. Kimmel e Weiner (1998) afirmam que, quanto mais desenvolvido o sentimento de identidade, mais o indivíduo valoriza o modo em que é parecido ou diferente dos demais e mais claramente reconhece suas limitações e habilidades. Quanto menos desenvolvida está a identidade, mais o indivíduo necessita o apoio de opiniões externas para avaliar-se e compreender menos as pessoas como distintas. Nesse caso, a construção da identidade desta aluna é desestimulada, pois não existe ascensão social em ser transexual, privilégio de gênero, classe, raça, muito menos o apoio da comunidade estudantil, o que deixa a aluna em situação de solidão, uma vez que, estamos falando da construção de uma identidade que é discriminada. A identidade, conforme Bauman (2005), é construída a partir das relações sociais e de processos de socialização dos quais participamos ao longo de nossas vidas.

Nesse sentido, é importante para essa aluna referências e grupos transexuais na qual possa se espelhar.

“A formação da identidade recebe a influência de fatores intrapessoais (as capacidades inatas do indivíduo e as características adquiridas da personalidade), de fatores interpessoais (identificações com outras pessoas) e de fatores culturais (valores sociais a que uma pessoa está exposta, tanto globais quanto comunitários)”. (BAUMAN, 2005, p.30)

Além de um olhar ampliado para as relações sociais de mulheres transexuais, na incitação de uma construção da sua identidade plena, é urgente destacar o seguinte aspecto: As mulheres negras estão na base da pirâmide de hierarquia social, que segue a seguinte ordem, homem branco, mulher branca, homem negro,

mulher negra, porém ainda abaixo dessa pirâmide existem os corpos afeminados que não estão dentro do padrão cisgenero, um exemplo deste corpos, são as mulheres transexuais na qual as condições de vulnerabilidade são gritantes. Conforme o relatório de 2021 da Transgender Europe (TGEU), que monitora dados globalmente levantados por instituições trans e LGBTQIA+, 70% de todos os assassinatos registrados aconteceram na América do Sul e Central, sendo 33% no Brasil, seguido pelo México, com 65 mortes, e pelos Estados Unidos, com 53.²³

A Comunidade Escolar

O silenciamento da comunidade escolar diante desse conflito é bem preocupante, uma vez que, a segurança do aluno dentro do ambiente escolar é de total responsabilidade da instituição, além do descaso com a saúde psicológica e moral da estudante violentada. Nesse sentido, é possível que este descaso seja fonte de uma política interna de silenciamento para evitar problemas maiores com os envolvidos e toda a comunidade, pois, essa problemática poderia sido evitada com a adoção de um banheiro neutro, no entanto, falar sobre as necessidades de corpos da comunidade LGBTQIAP+ fere os valores e morais da comunidade tradicional brasileira, o que é uma grande ironia, pois as camadas mais pobres da população acabam sendo as mais afetadas com o silenciamento, visto que, algumas escolas particulares já adotaram essa medida. Isto me permite refletir que, coincidentemente o local na qual os pais possuem maior poder aquisitivo consequentemente, as crianças têm maior acesso à informação e educação. Já nas camadas mais pobres da sociedade, a população tem menos acesso à educação e acabam por ser mais ignorantes, além de sustentar ideologias tradicionais que vetam a manifestação da identidade de corpos não-cisgenero. Um exemplo fiel disso na prática, no DF, são as eleições polarizadas entre dois candidatos, um com características mais conservadoras, Jair Bolsonaro, e outro com características mais inclusivas, Luiz Inácio Lula, o candidato com características mais inclusivas só obteve vitórias nas regiões que concentra a população com maiores poderes aquisitivos, Asa norte, Vila Planalto, Setor de oficinas norte e setor noroeste, porém, o candidato com características mais

²³ CLEIRE, Marie, Femicídio é Tragédia Global de Proporções Pandêmicas, São Paulo, 26 de out. de 2023, Disponível em:

<https://revistamarieclaire.globo.com/google/amp/violencia-de-genero/noticia/2023/10/femicidio-e-tragedia-global-de-proporcoes-pandemicas-diz-relator-especial-da-onu.ghtml> acesso em: 24 de nov. de 2023

conservadoras, vencera em todas as periferias do DF²⁴, o que indica onde estão as pessoas mais carentes de educação no DF, pois mesmo com necessidades de políticas públicas inclusivas, e sem acesso à informação, conseguem se auto sabotar. O que comprova mais ainda esta situação, é relatos de uma amiga minha, professora da SEDF, Paris Suwika, negra e transexual, na qual ela mostrava diversas mensagens de ataques transfóbicos via WhatsApp de autoria dos pais dos alunos da rede pública de ensino. Desta forma, fica nítida a abstenção da escola diante do problema, o que não justifica a falta de apoio psicológico para a estudante após o ocorrido.

Concluimos, que é imprescindível para esta aluna, transexual, metodologias de espelhamentos e construção de identidade em sala de aula, referências bibliográficas transexuais, que abordem questões de gênero e que dissemine pensamentos inclusos sobre corpos LGBTQIAP+ por toda comunidade escolar, e é válido ressaltar, que é de extrema importância que esta abordagem não seja apenas na disciplina de teatro mas que haja referências de corpos transexuais, na literatura, matemática, história, biologia, em todos componentes curriculares. Os jogos teatrais de Augusto Boal, que abordam opressão, se fariam muito necessários para debater, refletir, criticar essas questões em sala de aula.

Figura 8 - Apresentação da Peça “Emoções”



Fonte: Registro feito por Karine Araújo

²⁴ ARTUR, Francisco, Correio Brasileiro, **Bolsonaro vence em quase todo DF; Lula, apenas na Asa Norte, 10 de out. de 2022, Disponível em:**

<https://www.correiobrasiliense.com.br/politica/2022/10/amp/5048149-bolsonaro-vence-em-quase-todo-df-lula-apesas-na-asa-norte.html>

Acesso em: 04 de dez. de 2023

Figura 9- Roda reflexiva após espetáculo

Fonte: Foto registrada por Karine Araújo

2.3 Paula

Em um dia específico do estágio tinha acontecido uma situação bem constrangedora, o motivo, adolescentes se apropriando de discursos de religiões de matrizes africanas para disseminar violências pessoais contra os coleguinhas. Chegamos à sala os estudantes estavam bem agitados, pois a polícia militar já havia chegado na escola para conter uma briga de duas alunas, logo buscamos entender o que de fato havia ocorrido. Paula teria espalhado para os coleguinhas que era “de santo” palavra utilizada por ela pra dizer que era praticante de religiões de matrizes afro, umbanda ou candomblé, a aluna não especificou qual das duas, mas a mesma disse que “encarnava”²⁵ Exu²⁶. Dito isso, a aluna se trancava em um dos box de banheiros femininos, levantava vários falsos testemunhos a respeito dos alunos da escola, o que dava origem a fofoca e intriga, mas a aluna dizia estar sob possessão de exu, por isso as frases de mal gosto, até que uma dessas fofocas tomou dimensões generalizadas e acabou em violência física. Esta, foi uma situação bem delicada, por dois motivos: a aluna usou de uma religião vulnerável para atender aos seus interesses pessoais reafirmando assim, estereótipos racistas e também porque, as atitudes inconsequentes ofenderam praticantes da própria religião que optaram pelo anonimato diante das circunstâncias.

O candomblé é uma religião de origem africana trazida para o Brasil com os negros escravizados que sofreu algumas adaptações e hoje se considera uma religião Afrobrasileira, a crença segue as leis da natureza e suas divindades são orixás, vistos como ancestrais divinos

²⁵ É o ato compartilhar corpo e espírito com Orixá; um ser o orixá e voltar a ser o homem; sem a menor possibilidade de interferência, em que a humildade e a submissão à vontade divina são aprendidos sem que se ensine ou aprenda, por instinto e memória ancestral.

²⁶ orixá trabalhador, defensor é conhecido como mensageiro e guardião dos terreiros, das aldeias, das cidades, das casas, do axé e do comportamento humano.

que cuidam e equilibram nossa energia. No entanto a Umbanda tem origem no Brasil em 1908 por zélio Fernandino Moraes e mescla elementos do catolicismo, tradições africanas e Kardecismo e é caracterizado pelas incorporações. Ambas as religiões são marcadas por bastante intolerância religiosa, por estar associada à África e a população negra, demarcada por racismo religioso pois a motivação dos crimes são de origem racial. Os casos de intolerância religiosa vêm de um contextos de confronto físico, tipificação ameaças, injúrias, difamação, lesão corporal, dano, ultraje a culto impedimento ou perturbação de ato a ele relativo, praticar discriminação e até mesmo violência doméstica, no Brasil, nos últimos dois anos os números de crimes, motivados por religião, aumentou em 45%. As religiões de matriz africana são o alvo mais frequente de intolerância religiosa. Segundo dados do Ministério dos Direitos Humanos, só no ano passado, foram 1.201 ataques em razão da religião, aumento de 45% em relação a dois anos atrás, e que é sentido por muitos religiosos²⁷.

As religiões de matrizes africanas carregam estereótipos falaciosos em relações aos seus cultos, criados por ignorantes sem conhecimento prévio das religiões e que contribuem para a disseminação de estigmas que afirmam a Umbanda e o candomblé como locais de feitiçaria e magia negras ou disseminam falas do tipo: “Se algo de ruim aconteceu com alguém seria uma macumba”, que é a forma pejorativa em que chamam as oferendas para os orixás. As atitudes da aluna contribuíram para a afirmação desses estereótipos racistas ao colocar medo nos coleguinhas com suas falas tendenciosas, além disso, ela também contribuiu para que alunos praticantes tivessem vergonha de falar que são praticantes pela reprovação dos coleguinhas da turma.

Diante disso, fica nítida a falta de conhecimento prévio da escola perante dos documentos norteadores, Base Nacional Curricular Comum e Currículo, pois ambas, tanto em perspectiva nacional quanto federal defendem o uso de conteúdos de matrizes afro-brasileiras dentro da escola, se os alunos disseminam intolerância religiosa e outros não se serem protegidos, a escola não atende às demandas dos documentos norteadores e a segurança é precarizada. O Ministério da Educação em conjunto ao Conselho Nacional de Educação no conselho pleno definiu a resolução no 1, de 17 de junho de 2004 que institui a necessidade de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações

Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.²⁸ Um dos Objetivos, que aparece em todos os cronogramas de conteúdo do Currículo em Movimento do Distrito Federal do Ensino Fundamental, anos iniciais aos anos finais é: “Conhecer cenas cotidianas das culturas indígenas, quilombolas e afro-brasileiras respeitando suas especificidades.” (Currículo em Movimento, p. 75, 2018). Nesse caso, gostaria de destacar a pesquisa em danças de Motrizes Negras²⁹ do arte-educador Kaled Hassan, pois além de ser praticante de religiões afro-brasileiras, o docente possui uma linha metodológica voltada para as danças dos Orixás, desenvolvida no terreiro, por Augusto Omolú.

“No ensino da dança dos orixás, Augusto não queria que as pessoas fingissem que estavam em processo de possessão e transe, como os religiosos do Candomblé, e sempre alertava para os estereótipos das caretas com bocas retorcidas, pois ele os conduzia para a cena da dança transformada, o que ele chamava de “essência”. Ele se preocupava pelo entendimento do aspecto cultural do Candomblé. Nas suas comunicações orais, através dos seminários teóricos e práticos, ele sempre afirmava para as pessoas que elas não eram obrigadas a participar do Candomblé, mas que compreendessem a abordagem da dramaturgia do movimento e o seu conteúdo. Através dessa atitude e pensamento, Augusto estimulava outros profissionais em dança a conhecer os seus próprios processos criativos, alertando para que eles e elas não imitassem a dança dos orixás.” (HASSAN Apud. OMOLÚ, 2018, p.26)

²⁸ Diário Oficial da União, Brasília, 22 de junho de 2004, Seção 1, p. 11. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2017.” (BNCC, p. 20)

²⁹ complexidade das dinâmicas das performances culturais afro-brasileiras”. Porém compreende-se a particularidade de cada artista na escolha do locus de pesquisa no âmbito das Danças Afros, através do sentimento de representatividade e experiência, entendido como processo étnico-identitário (HASSAN, p.20, 2018).

Figura 10 - Aula de corpo e movimento

Fonte: Foto registrada pela professora Ana Karla

Figura 11 - Aula de corpo e movimento

Fonte: Foto registrada pela professora Ana Karla

2.4 Centenário Ruth de Souza

Nesse momento começo uma análise étnico racial diante das aulas ministradas por mim no projeto Ruth de Souza. O projeto, Centenário Ruth de Souza comemora os 100 anos da atriz e da sua importância como a primeira artista negra a conquistar projeção cinematográfica, o curso tem como principal objetivo o empoderamento de mulheres domésticas através da arte-educação ofertando cursos de dança, canto, teatro, produção cultural com incentivo de uma bolsa auxílio de 1000,00 por 5 dias no contra turno das 18:00 as 21:00. Os cursos acontecem no prédio do ISBET (Instituto Brasileiro Pró Educação), no setor comercial sul, atual escritório da produção FestEira, criado pela comunicadora e

produtora cultural Naiara Lira. Neste projeto eu fui chamada chamada para ministrar aulas de corpo e movimento, então tive que elaborar uma sequência didática que atendesse a este público específico de alunas da faixa etária de 30 a 50 anos, o que seria uma grande oportunidade de aprendizagem para mim pois, nunca havia ministrado aulas para mulheres adultas. A sequência foi preenchida por um momento de apresentação, alongamento, aquecimentos, jogos e debate.

Todo o desenvolvimento dessa aula permite um olhar étnico racial diante dos corpos das alunas e a forma com que permitiram estarem se relacionando com a aula. O centenário Ruth de Souza, em seu edital, faz um convite para mulheres domésticas estarem realizando as aulas, coincidentemente, ao chegar no curso me deparo somente com empregadas domésticas negras, lembrado que, a raça em momento algum foi pré requisito, e se faz importante esta afirmação pois, legitima o debate do primeiro capítulo, mulheres negras, gênero classe, e raça.

Figura 12 - Mulheres Domésticas do Curso



Fonte: Foto registrada pela produção Festlira

Figura 13 - Mulheres produtora do Projeto



Fonte: Foto registrada pela produção Festlira

2.5 Sistema Como Limitador de Sonhos de Mulheres Negras

No primeiro momento fizemos uma roda de apresentação com nome, idade e uma pergunta provocadora: “Qual a sua relação com a dança?” para que eu pudesse conhecê-las melhor. No momento de responder esta pergunta seus olhos brilhavam, algumas reviviam memórias do passado, outras achavam a pergunta um tanto peculiar e algumas entendiam a provocação já como uma brincadeira e permitiam se jogar nesse campo da ludicidade por alguns instantes. As respostas me surpreenderam pois descobri que todas elas em algum momento de suas vidas já haviam dançado, poucas ainda se permitiam dançar em momentos oportunos. A maioria, por algum motivo, seja por, crença, exaustão, julgamentos, tempo, não se permitia estar mais se movimentando, apesar de gostar, e no meio de toda essa conversa descobri uma aluna que era dançarina, teve chance de viajar fazendo shows com um banda famosa da época e que apesar de querer, precisou abandonar o sonho para cuidar da família.

Camila, tinha apenas 16 anos quando precisou carregar a responsabilidade de sustentar a família, ao fazer isso a jovem precisou abrir mão dos seus sonhos. Existe uma forma de controle intrínseca que mantém a manutenção do trabalho braçal que tem origem no “assassinato” de sonhos, e o estado é o maior percursor disto. Quando mais novos, ainda crianças, queremos fazer, ser, muitas coisas, como se todos tivessem este privilégio de escolha, quando crescemos e entendemos sobre a realidade na qual estamos inseridos, este leque de possibilidades diminui, e com passar do tempo os sonhos destes jovens-adolescentes passa a ser itens de subsistência, ou itens que a mídia vende como artigos de luxo: carro, televisão, celulares entre outras coisas. Estes itens funcionam apenas como dispositivos de distração que mantém estas pessoas endividadas e no ciclo vicioso de pagar contas para gastar futuramente, mas não fornecem uma emancipação social, o que poderíamos chamar de escravidão moderna, uma estagnação contínua, como diz na letra da música, Xibom Bombom, de As meninas:

“Onde o rico cada vez fica mais rico
E o pobre cada vez fica mais pobre
E o motivo todo mundo já conhece
É que o de cima sobe e o de baixo desce”

(As Meninas, 2010)

Nesse âmbito, trouxe uma frase do deputado Renato Freitas dita na entrevista do programa de tv F5 da Globo News³⁰ “O sistema é assassino de sonhos, a mente de uma criança é bonita, fértil, e criativa, os horizontes de imaginação são grandes de tão largos, no entanto quando se fazem 14 anos, trabalhando de empacotador, na construção civil, ajudando o pai, vendo sua mãe chorar de fome porque não tem comida no armário, esse horizonte já diminui, o que era antes era criatividade, se torna obrigação (..) profissão estas, que nos roubam o tempo e não dão em troca condições dignas de vida, essas crianças estavam fadadas a isso ou a vida do crime” .

2.6 As Mulheres Negras e o Autocuidado

No início do alongamento percebi que estavam bem cansadas, pois a maioria delas tinham acabado de sair do trabalho, além disso, a falta de prática dificultava muito, algumas nem sequer sabiam o que era alongamento, e o mesmo se repetiu na hora do aquecimento, um simples exercício de andar pelo espaço já era bastante cansativo. Trouxe este aspecto simples, porém muito importante para cá, porque é uma problemática que aprendi dando aulas para mulheres domésticas mais velhas, que apesar de estarem exercendo o trabalho braçal, elas não possuem nenhuma relação de autocuidado com o próprio corpo, o motivo, a falta de tempo. Chega a ser irônico perguntar se costumam praticar exercícios físicos, com jornadas exaustivas de trabalho, uma vez que, como foi citado anteriormente, no primeiro capítulo, muitas dessas mulheres fazem duas jornadas de trabalho por dia, porque quando chegam do trabalho ainda precisam cuidar da casa e dos filhos. Outro aspecto, que contribui para o relaxamento de mulheres negras, com o próprio corpo, é o contexto histórico pós escravidão, que nunca incentivou uma relação de autocuidado delas, consigo mesmo, muito pelo contrário, em algumas situações era estratégia de defesa parecer descuidada para evitar violência sexual por parte dos latifundiários, pois historicamente, a mulher negra não é vista como um corpo de cuidado, e sim como um corpo “objeto” para cuidar dos outros e servir como fonte de prazer. No entanto, com a democratização da informação a gente vê uma geração mais novas de negras empoderadas que falam sobre autocuidado, skincare, moda, maternidade nas redes sociais. Nesse âmbito, trouxe uma fala da psicóloga e co-fundadora do

³⁰ <https://www.instagram.com/reel/CzHzAmJsPMx/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

Papo Preta, Shenia Karlsson sobre a relação da mulher negra com o autocuidado, bem-estar e o momento de resignificação destas práticas³¹.

“Existe esse demarcador, que inclusive atravessa muito a nossa experiência enquanto mulheres negras. Não que a gente não se cuide. Mas existe uma narrativa construída que, em certa medida, vamos introjetando. Existe uma sociedade que diz o tempo inteiro que o acesso à saúde, sobretudo à saúde feminina, não é para a mulher negra. Tanto que se estabeleceram conceitos e cuidados de beleza muito caseiros, domésticos. Então o nosso histórico de saúde, de cuidado, de beleza, é sempre sobre redução de danos. Por isso que quando eu falo desse cuidado como uma atitude de transgressão, é de subverter esse sistema, que diz que a beleza e os espaços de beleza não foram construídos para nós. O próprio espaço da psicologia tem sido recentemente reconhecido como cuidado, é uma ideia nova de ver o atendimento como um espaço de cuidado. E então, como isso tem impacto na autoestima? Com a democratização da informação, com a internet, a gente foi construindo várias possibilidades de cuidado, com muita criatividade. Iniciativas mais acessíveis e mais disseminadas.”

³¹ DEODORO, Paola, O autocuidado da mulher negra é revolucionário', Revistamarieclaire, 25 de set. 2022, disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/amp/Beleza/bem-estar/noticia/2022/07/o-autocuidado-da-mulher-negra-e-revolucionario.html> Acesso em 04 de Dez. de 2023

Figura 14 - Aquecimento/alongamento

Fonte: Foto registrada pela produção Festlira

2.7 Auto-julgamentos e Sexualização de Mulheres Negras

Ao praticar os exercícios, algumas delas, ludicamente, faziam passinhos de funk, enquanto isso, eu percebia pequenos espasmos de desconforto e auto-julgamento por parte de outras, às vezes até um olhar, procurando assegurar que aquele fosse um ambiente seguro para a execução destes movimentos, o que, na minha percepção, é um tanto problemático, pois todas aquelas mulheres livres, com jornadas exaustivas de trabalho, algumas ainda mães solas, mesmo com tanta independência e responsabilidades não se sentiam donas do próprio corpo, como se a todo momento esperassem uma repressão ou permissão. Essas atitudes tem tantas nuances e origens diferentes, mas que tem fins comuns, que é a repreensão da liberdade de mulheres negras, tanto como mão de obra, quanto do corpo negro em perspectiva sexual para o colonizador. A repressão do corpo das mulheres negras tem origens na escravidão, e em uma perspectiva colonizadora, sofre influência cristã. O catolicismo, grande precursor do racismo, baseou-se em fontes teocêntricas para justificar a desumanização de pessoas negras. O conto africano de língua portuguesa, *As Mãos dos Pretos*³², de Bernardo Honwana, apresenta os diferentes argumentos que os brancos usavam, legitimado pelo cristianismo, que colocavam o corpo negro em um lugar de sujo, impuro,

³² CASTILHO, Carla, Estrolabio, *As mãos dos Pretos*, 12 de fev. de 2011, disponível em: <https://estrolabio.blogs.sapo.pt/1028732.html>, Acesso em 4 de dez. de 2024

maligno, de inferioridade em relação a outras raças, justificando o motivo de serem escravizados, desumanizados.

“Antigamente, há muitos anos, Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, Virgem Maria, São Pedro, muitos outros santos, todos os anjos que nessa altura estavam no céu e algumas pessoas que tinham morrido e ido para o céu fizeram uma reunião e resolveram fazer pretos. Sabes como? Pegaram em barro, enfiaram em moldes usados de cozer o barro das criaturas, levaram-nas para os fornos celestes; como tinham pressa e não houvesse lugar nenhum ao pé do brasido, penduraram-nas nas chaminés. Fumo, fumo, fumo e aí os tens escurinhos como carvões. E tu agora queres saber porque é que as mãos deles ficaram brancas? Pois então se eles tiveram de se agarrar enquanto o barro deles cozia?!” (HONWANA, p.01))

“depois de o Senhor Antunes ter ido embora, e disse-me que tudo o que eu tinha estado para ali a ouvir de boca aberta era uma grandessíssima pêta. Coisa certa e certinha sobre isso das mãos dos pretos era o que ele sabia: que Deus acabava de fazer os homens e mandava-os tomar banhai num lago do céu. Depois do banho as pessoas estavam branquinhas. Os pretos, como foram feitos de madrugada e a essa hora a água do lago estivesse muito fria, só tinham molhado as palmas das mãos e dos pés, antes de se vestirem e virem para o mundo.” (HONWANA, p.02)

Todo esse viés cristão favorecia a continuidade de uma mão de obra negra, barata, e em condições insalubres de trabalho, além de justificar as diversas violências sexuais, nas quais, as mulheres negras, eram submetidas pelos latifundiários. Nesse sentido, se tem uma relação de ódio, criada pelo colonizador, que atinge nós mulheres negras, que é o simples fato a nossa raça, um dia, ter sido justificativa para a violência sexual. Como você ser quem você é, sua raça, inocenta, uma situação tão violenta, que é o estupro. Esse processo de sexualização e violência do corpo feminino negro é tão bizarro, que quando eram livres, em comunidades africanas, as mulheres negras costumavam andar com os seios a mostra, enfatizando a sua liberdade e a sua função materna, o mesmo acontecia no Brasil, em aldeias indígenas, existe uma fala da peça, “A empregada da Sufragista”, direção de Naiara Lira, na qual eu tive o prazer de interpretar a personagem Eloá, em que a atriz originária de África, Acotirene, interpretada por, Tainá Cary, ironiza o fato do homem branco ssexualizar os seios das mulheres negras e retrata bem algumas características dessas comunidades ancestrais.

Esta visão, sexual é ainda presente na contemporaneidade em pequenos ações que se assemelham a existência de um Brasil colonial, por exemplo, adolescentes negra aliciadas para a prostituição em troca de comida, o esteriótipos de globeleza³³, as mulheres negras como gestora de filhos, mas não como matriarcas familiares. A existência desses estigmas contribuem para a premência de uma sociedade em que mulheres negras ainda vistas como objetos de servidão e prazer, o que faz, naturalmente, com que queiram fugir destes “signos” optando pela limitação dos seus potenciais expressivos corporalmente, porém, esta percepção racista, está no colonizador e não na culpabilização do seus próprios corpos.

Figura 15 - Dançando funk



Fonte: Foto registrada pela produção Festlira

2.8 A Necessidade de Uma Escuta Sensível

Em um dos jogos teatrais, quis promover uma reflexão em relação a vida destas mulheres a partir de perguntas motivadoras, a brincadeira era que, respondessem com o corpo e simultaneamente com palavras, após lerem as perguntas ficaram muito entusiasmadas, ao responder com o corpo já era possível observar a ansiedade delas em querer estar argumentando sobre o que acabara de fazer, o que quando possível, deu origem a uma grande roda de debate. Uma simples pergunta abriu a porta para o universo das grandes batalhas diárias daquelas mulheres, os relatos eram diversos, casos de tentativa de suicídio, fome, luta contra câncer, violência doméstica, baixa autoestima, doenças e exaustão. Percebi que todas aquelas mulheres, muito guerreiras, que só queriam falar e serem ouvidas, a sensação era de

³³ Mulheres negras que possuem fenótipos da beleza padrão.

que estivessem engasgadas por muito tempo, e o desabafo era inevitável, impossível não se emocionar com tantas histórias de luta e dor, esta aula foi um chororô em massa e me levou a refletir do por quê essas mulheres tinham tanta necessidade de escuta. E aqui fica a provocação, já tentaram falar para uma mulher negra fazer terapia?

Nesse âmbito, gostaria de destacar o funk brasileiro como resgate de empoderamento das mulheres negras, uma vez que, tem origem periféricas, destaca a realidade de mulheres faveladas, além de manifestar, nas músicas, a igualdade de gênero, a liberdade sexual e o empoderamento feminino, no sentido de mulheres serem donas dos próprios corpos. A niteroiense Tamiris Coutinho ganhou repercussão ao defender em sua monografia, para se tornar bacharel em relações públicas pela UERJ, o tema Funk Feminino e Empoderamento³⁴. Após o ocorrido a autora, lançou o livro *Cai de Boca no Meu b*c3t@o* (Editora Claraboia), título retirado de uma letra da MC Rebecca, Tamiris afirma:

“Além do preconceito com o próprio funk, não aceitam que ele pode ser um canal de empoderamento feminino, ficam presos à ideia da objetificação, que, sim, acontece, mas não se permitem entender que a mulher no gênero musical é muito mais do que isso: ela tem voz, se posiciona por si própria, por suas vontades e necessidades”.

Para além disso podemos ampliar o conhecimento histórico cultural dessas mulheres através de jogos teatrais e referências metodológicas que disseminam conhecimento ,contextualização social, liberdade e expressão, que serão destacados no próximo capítulo, porém faz-se necessário a existência de mais projetos, como o Centenário Ruth de Souza para alcançar estas mulheres uma vez que, não estão mais presentes no ensino básico.

³⁴ DINIZ, Augusto, Carta Capital, O Tcc Sobre Funk feminino e Empoderamento que Incomodou a Bolha, 04 de set. de onível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/o-tcc-sobre-funk-feminino-e-empoderamento-que-incomodou-a-bolha/amp/> Acesso em 04 de dez. 2023

Figura 16 - Roda de Reflexão



Fonte: Foto registrada pela produção Festlira

17 - Roda de Figura Reflexão



Fonte: Foto registrada pela produção Festlira

CAPÍTULO 3

Metodologias Cênicas e Decoloniais de Empoderamento Negro

É importante destacar que, este trabalho foi pensado para a criação de um currículo cênico voltado a corpos negros, de empoderamento negro, no entanto, os alunos que possuem privilégio de cor podem e devem se permitir a aprendizagem, pois além de ser uma didática inclusiva permite a formação de pessoas decolonizadas e anti-racistas.

3.1 Augusto Boal com a série de estudos do Teatro do Oprimido.

O dramaturgo propõe uma análise da relação opressor e oprimido através de situações cotidianas, que permitem a reflexão não só dos atores, como também dos espectadores. Augusto desenvolveu abordagens Latino-Americana de Teatro Popular onde dá vida para técnicas de teatro do povo: teatro de agitação, teatro-debate, teatro invisível, teatro-Bíblia, etc. formas que permitem que as pessoas utilizem o teatro a favor de seu conhecimento. As obras do autor, são diversas, variando de arte, pedagogia a política oferecendo exercícios e jogos que permitem que toda a classe, inclusive não-atores, operários, camponês, estudante, paroquiano, funcionário público, todos, a refletir o corpo, alienado, mecanizado e ritualizado pelas tarefas cotidianas da sociedade capitalista. Nesse sentido, eu destaco alguns jogos teatrais, de Augusto Boal, que permitem a possibilidade de uma metodologia inclusiva, anti racista e decolonial.

1. Aquecimento ideológico

“O teatro apresenta imagens extraídas da vida social segundo uma ideologia. É importante que o ator não se aliene, por mais especializada que seja determinada técnica. O ator deve ter sempre em mente que atua, que apresenta aos espectadores imagens da luta social entre forças reacionárias da burguesia e as forças progressistas da classe trabalhadora (...) é necessário que o ator tenha sempre presente a missão progressista da sua tarefa, o seu caráter pedagógico, o seu caráter combativo. O teatro é uma arte e uma arma.”

- Dedicatória: Dedicar sessões ou ensaios a alguma pessoa seja morta, longe, referência histórica, presos. Mas que contribuem como resistência coletiva ou pessoal para grupo. Tanto ideologicamente quanto emocionalmente.
- Leitura de Jornais: atualização dos acontecimentos históricos, sociais, nacionais e políticos. Atualização das notícias que não aparecem nos jornais, exercitar globalização e atualidades.
- Evocação de um fato histórico: Evocar um fato histórico em paralelo com situações cotidianas, recordando a libertação da América Latina e deixando fresca na memória as repressões étnicas raciais.
- Lição: Explicação em grupo de acontecimentos históricos que outros grupos, não tenham conhecimento, compartilhando assim, saberes.

2. Guerrilheiros e Policiais

- O elenco divide-se em dois grupos, um de guerrilheiros e outros de policiais. Todos viajam em um veículo que se avaria na estrada. Os personagens não se conhecem mas todos sabem que no veículo há apenas policiais e guerrilheiros, o objetivo consiste em procurar quais são os amigos e quais são os inimigos e matar utilizando um sinal convencional. O exercício termina quando ficam apenas os componentes de um dos dois grupos vivos.
- Oba: O exercício pode ser contextualizado para diversas situações ideológicas, no caso, exercitando a realidade social e o imaginativo do aluno.

3. Quebra da repressão:

- Um ator procura recordar um momento da sua vida em que tenha sentido uma intensa repressão.
- O exercício se dá em três fases. Na primeira os atores recordam os fatos, e reproduzem cenicamente, na segunda, a cena é repetida mas o ator não aceita a repressão. E um sistema repressivo todo é montado contra ela, incluindo parentes, até que a situação em coletivo chegue em um determinado fim. Na terceira fase, os atores trocam de personagens, desta forma, todos tomam posições de oprimido e opressores

permitindo uma análise reflexiva, de classe, raça e gênero a partir dos corpos dos atores que estão em cena.

“Se o homem amar mais a liberdade que a vida, jamais o oprimiram: o que mais poderão fazer é matá-lo. Oprimem-nos porque estamos dispostos a fazer concessões, a aceitar a repressão em troca de continuarmos a viver” (BOAL, p.106, 1977)

Entre esses exercícios existem outros diversos em suas obras, destaque: Arte Pedagogia e Política, Jogos Para Atores e Não Atores, 200 Exercícios e Jogos Para o Ator e Não-Ator Com Vontade de Dizer Algo Através do Teatro.

3.2 Kaled Hassan, Danças Motrizes

O Arte-Educador Brasiliense, Kaled Hassan, possui uma monografia chamada, A Experiência de Pesquisas e Inserção de Dança de Motrizes Negras nas Escolas (2018). A pesquisa relata experiências de processos criativos com danças afro-brasileiras e urbanas em uma escola de ensino médio da Rede Pública do Distrito Federal que permite a construção de conhecimentos interdisciplinares, humanitários, e de empoderamento. Nesse processo, o autor, Kaled, desenvolveu uma metodologia de ensino que disseminava a cultura do Dancehall³⁵. Nesse sentido busquei mencionar o arte-educador, Kaled Hassan, pois além de ser um grande Professor é dançarino, coreógrafo e possui um estudo de legitimação da abordagem pedagógica afro-brasileira, onde foca na descentralização dos conteúdos abordados em sala, os quais chama de etnocêntricos, visando uma valorização da ampla quantidade de processos culturais nacionais, similares e presentes no cotidiano e contexto dos estudantes.

“Esta abordagem dos steps provenientes da cultura Dancehall é um exemplo de estudo em âmbito sociocultural, em que se observa como o indivíduo corporifica suas vivências, sendo interpretadas, compreendidas e desenvolvidas por terceiros, tendo potencialidade em outros sujeitos, sendo participantes ou não deste processo cultural.” (HASSAN, 2019, p.54)

³⁵ dança de origem Jamaicana que contém uma carga histórico-cultural de significados, histórias e experiências dos jamaicanos e são expressadas através dos steps, movimentos tradicionais do Dancehall.

A abordagem foi iniciada pelo estímulo do professor, com os alunos, para que se movimentassem a partir do seu próprio repertório de corporal, Kaled conta que muitos desses movimentos eram de origem das danças urbanas, o que permitiu que iniciasse um projeto gestual a partir de passos que representavam comunicações de expressões corporais oriundas do gueto e camadas populares, remetendo a referenciais estéticos que os estudantes apresentaram ter vivenciado como, Hip Hop, Rap e Street Dances, o que permitiu a construção de um espaço contextualizado para a aprendizagem dos Steps de Dancehall. Ao final do processo o estudante é estimulado, a partir das aprendizagens dos exercícios vivenciados na oficina, a (re)criar a partir do seu próprio corpo uma composição artística, em grupo ou individualmente, de cenas, coreografias ou sequências de movimento. Dito isso, após apresentadas as composições, os alunos eram provocados pelo docente, no sentido, de se permitirem uma intervenção seja, emocional, intencional, interrogativa, interpretativa ou integrativa.

“Procuramos trabalhar com os estudantes as inseguranças e vergonhas em apresentações, muitas ocorriam inclusive diante dos próprios colegas de sala, com isso através de exercícios de projeções imagéticas ou de intencionalidades físicas, como posturas e gestos, a exemplo do estudo do olhar periférico e centrado em um ponto para auxiliar na concentração.”
(HASSAN ,2019, p.56))

3.3 Isabel A. Marques, Texto, Contexto e Subtexto

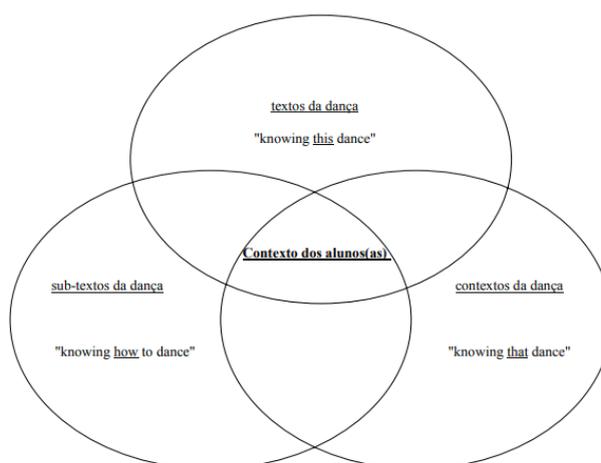
Isabel A. Marques, traz propostas de abordagens contextualizadas que originam o novo, a partir de uma metodologia de texto, contexto e subtexto, considerando os aspectos Arte, Ensino e Sociedade. A Docente possui um trabalho que por intermédio da arte, o indivíduo pode se desenvolver politicamente, impulsionar sua intuição, imaginação e criatividade, a fim de encontrar soluções para as questões do seu cotidiano “A arte nos faz empregar nossas mais sutis formas de percepção e contribui para o desenvolvimento de algumas de nossas mais complexas habilidades cognitivas” (BARBOSA; EISNER, p,90 1998). Nesse sentido, também aprende a se comunicar, e se expressar melhor com seus pares,

construindo e ampliando valores de respeito, ética, cidadania e humanização. A arte, no contexto escolar, é uma possibilidade que o estudante tem de desenvolver sua expressão pessoal e cultural, a percepção e a imaginação, para apreender a realidade do meio ambiente e praticar um senso crítico. É um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual “É proposto que os saberes de dança sejam centrados no contexto dos alunos, para que haja relação “entre corpos, movimentos, mentes, histórias de vida, conteúdos específicos da dança, tanto nas instituições de ensino, como em seus espaços de ação sociocultural.” (MARQUES, 2011, p. 103). Considerando esses aspectos, foi desenvolvida pela autora uma metodologia dançante pedagógica que se baseia em subtexto, texto e contexto da dança:

Marques (2010) afirma que, o subtexto seria a percepção do corpo dançante pelo dançante e os signos e componentes da linguagem da dança. Ao falar da percepção do corpo da dançante, entram conteúdos sobre consciência corporal, partindo da educação somática e condicionamento físico, como flexibilidade, respiração, tônus, equilíbrio, força, alinhamento, ordenação óssea e muscular, por exemplo, exercício de consciência corporal.

Os textos da dança são os repertórios dançados. São organizados em processos criativos (composição coreográfica e improvisação) e em processos interpretativos (repertórios). A composição coreográfica busca recortar, escolher e finalizar produtos. Já a improvisação não possui preocupação com recortes, fixação de sequências e finalizações, o que não significa que seja um processo sem consciência e escolhas, mas que se dá no próprio processo da dança.

Outro grupo de conteúdos da dança é denominado por Marques (1997) de contextos da dança. Estão incluídos os elementos históricos, culturais e sociais da dança como história, estética, apreciação e crítica, sociologia, antropologia, música, assim como saberes de anatomia, fisiologia e cinesiologia. Sobre apreciação e crítica, podem-se incluir não só vídeos e espetáculos de artistas, mas também as atividades em sala de aula, em que os alunos apreciam os trabalhos dos colegas.

Figura 18 - Metodologia Isabel A. Marques

Fonte: Unespar³⁶

Considero o trabalho da Isabel A. Marques de grande importância, pois é uma abordagem metodológica que leva em consideração o aspecto sócio-cultural dos alunos, e permite que através do mesmo método possamos aplicar jogos, exercícios e dramaturgias de outros autores para incitar o processo criativo dos alunos.

3.4 Jonas Sales, Corpo-Negritude

O professor da Universidade de Brasília, Jonas Sales, possui uma metodologia voltada para uma construção de uma corpo negritude que é estimulada no exercício da construção de cenas coreográficas. O documento chama-se Corpo-negritude no Espaço Escolar - Um Processo Cênico Pedagógico³⁷. Jonas defende, que o caminho para promover pesquisas, ensinamentos, metodologia, reflexões e aprendizagens do corpo é através da experimentação corpórea das histórias de africanidades e negritudes contidas nas danças Brasileiras. Desta forma, Jonas Sales (2015) propõe, uma metodologia, Corpo Negritude, para sala de aula.

A abordagem do Processo Cênico Pedagógico é dividida em dois grandes Eixos: Técnico/cinético e Poético/criativo. Estes eixos são dois grandes balões que se sub-dividem de acordo com os exercícios e atividades. As subdivisões são chamadas de “Eixinhos” e foram

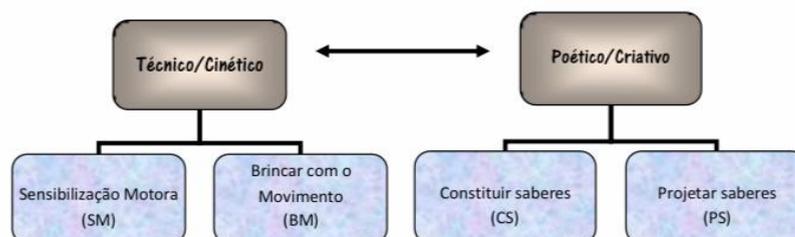
³⁶ https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/download/4104/pdf_65

³⁷

organizadas como: Sensibilização motora (SM), Brincar com o Movimento (BM), Constituir Saberes (CS) e projetar saberes (PS), segue imagem que permite uma perspectiva visual:

Figura 19 - Eixos Norteadores

Eixos norteadores do Processo Cênico Pedagógico



Fonte: Monografia - Corporeidades Negras em Cena³⁸

Sensibilização Motora (SM): Propõe uma perspectiva cinética do movimento, consciência sobre as ações do corpo ao estar se movimentando, objetivo é revelar para o artistas as suas diversas necessidades fisiológicas a partir de uma escuta sensível em relação ao próprio corpo, percepção dos músculos, ossos, respiração energia, o corpo em sua totalidade, o que engrandece para a sua percepção no mundo.

Brincar com o Movimento (BM): Após os exercícios de técnicas/cinéticas um vocabulário novo de movimento foi adicionado ao nosso corpo, chega o momento de brincar, experimentar, irracionalizar, estranhar, recriar etc. É o momento de perceber as possibilidades que os fenômenos estéticos, patrocinados pelas danças afro-brasileiras permitem. “Refere-se ao estabelecimento da técnica do movimento percebida e o relaxamento do corpo em exprimir as impressões individuais ao dançar no espaço.” (SALES, 2015 p.182,)

Constituir Saberes (CS): este é caracterizado pela organização das práticas aprendidas pelos participantes em relação às descobertas que foram feitas a partir do exercício dos “eixinhos” anteriores, e assim possibilite o início de um processo criativo com o auxílio de jogos, improvisações e elaboração de cenas-coreográficas, termo criado pelo pesquisador para exprimir o acontecimento da cena teatral e coreográfica simultaneamente na mesma sequência. Nesse sentido, é momento de criar tendo como referências os eixos trabalhados e as danças afro-brasileiras, favorecendo o aprofundamento sócio-político de corpo negros.

³⁸ https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_145e45d404bcdbfa70bb4b30f498e278

Projetar Saberes (PS):

Este eixinho tem como princípio a exposição das produções estético-artísticas criada pelos alunos, é o momento em que os trabalhos anteriores são compartilhados e refletidos para toda turma. Jonas Sales (2015) diz que o foco está no resultado da forma/estética de uma corporeidade que se apresenta a partir das matrizes negras experimentadas e constituídas no corpo, constituindo-se na memória corpórea. Exemplifico com as imagens a seguir.

“O resultado, criação dos alunos/artistas, propõe uma educação por meio da percepção corpórea mediante uma perspectiva interdisciplinar em que se envolvem diversas áreas do saber artístico, filosófico, antropológico, histórico, dentre outras que possam agregar-se a ela.” (SALES, 2015 p. 194)

Com isso, o docente permite a reflexão das características que estão contidas nas técnicas corporais dessas danças, que levam para outros caminhos estéticos e revelam outras possibilidades de perceber o corpo, à luz de heranças corporais de africanidades, ligações com as temáticas que envolvem os povos africanos o racismo, preconceito, negritude, estéticas negras e direitos sociais.

Considerações Finais

As metodologias apresentadas, que somam 4, apresentam a possibilidade de um conhecimento afro-brasileiro, sociocultural, social que promovem o exercício do empoderamento negro nas escolas públicas, porém não são únicas, existem outros autores, não mencionados, que compartilham de trabalhos pedagógicos cênicos decoloniais grandiosos como, Abdias Nascimento, Ana mãe Barbosa, Graça Veloso, entre outros, porém cabe dosar, momentaneamente, as aprendizagens a serem destacadas, o que evidencia mais ainda desnecessidade de documentos eurocentricos no nosso currículo, apenas em caso de incitação nos documentos norteadores, uma ideia um tanto radical, porém necessária para a promoção de um sentimento nacionalista, patriota, e unificado em sala de aula.

Apresento meu trabalho de conclusão de curso como um manifesto, palavras de corpos negros que sofrem diariamente com os resquícios de uma política segregacionista que comercializou, humilhou, e destitui nossos corpos do inocente ato de viver. Destaco umas, de

muitas questões étnicas-raciais, algumas, imencionáveis, pois é de uma subjetividade imensa as marcas do inconsciente de um corpo negro colonizado, mas que não seja por isso que deixemos de pontuar as questões já observadas que pedem, gritam, clamam a existência de um olhar docente cuidadoso e ampliado sobre nossos corpos, que são destacados em diversos espaços de brancuras, com as suas inúmeras reverberações racistas que ainda nos escravizam na contemporaneidade. Só um negro sabe, e sente as suas dores profissionais, familiares, afetivas e sociais. Este é um documento de contribuição para uma metodologia inclusiva e emancipatória, para o resgate de corpos negros que morrem no parto, nas ruas, solitários, famintos, exaustos. Faço isso, pelos meus meninos, pequenas crianças com seus sonhos limitados, faço isso por mim, pois não importa onde, como, e com quem estarei, nunca esquecerei da dívida etnocêntrica que existem sobre nossos corpos. Faço isso pelos meus ancestrais e os que viram depois, o conhecimento é libertador, e mais que isso, só as nossas crianças gritando de felicidade por um sonho em possibilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARQUES, Isabel. **Dançando na escola**. 5ª edição, São Paulo, Cortez Editora, 2010.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 10ª edição, Rio de Janeiro, RECORD LTDA, 2007.

NONATO, Aldo. SERVILHO, Alessandro. BARBOSA, Elisângela. MORGADO, Izabela. TORRES, velda. **O movimento do funk e sua influência no empoderamento feminino**. Salvador, ANAIS – 21ª SEMOC, outubro 2018.

SALES, Jonas. FERREIRA, Larissa. NADIR, Nobrega. **Corporeidades e processo pedagógicas decoloniais: Articulações para uma educação antirracista brasileira**. Brasília-DF, IFB, 2019.

SALES, Jonas. **A corporeidade da tradição popular na escola- Caminhos possíveis**. UFS, Revista trapiche, 2015.

MINISTÉRIO DA Educação, **Base nacional curricular comum. Educação é a base**. Brasília-DF, Fundação Carlos Alberto vanzoli. 2017.

HASSAN, Kaled, **A Experiência de Pesquisas e Inserção de Danças de Motrizes Negras nas Escolas**, Brasília- DF, IFB, 2018

BAPTISTA, Isildinha, **As Significações de Um Corpo Negro, A cor do Inconsciente**, Editora Perspectiva, 2021, 1ª edição.

PARKS, Leticia, ODETE, Assis, CAROLINA, Cacau, **Mulheres Negras é o Marxismo**, 2021, editora Iskra, 1ª edição.

FREUD, Sigmund, **A Interpretação dos Sonhos**, 1899, Alemanha, editora companhia das letras,

CURRÍCULO EM MOVIMENTO DO DISTRITO FEDERAL 1, **Ensino Fundamental, Anos iniciais, Anos Finais**, Secretaria do Governo de Educação, Brasília-DF, 2018, 2º edição.